

Memórias dos leitores DA BIBLIOTECA

do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região (MG)



**MEMÓRIAS DOS LEITORES
DA BIBLIOTECA
DO TRIBUNAL REGIONAL
DO TRABALHO DA
3ª REGIÃO (MG)**

**Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região - MG
Secretaria da Escola Judicial
Biblioteca
2025**

FICHA TÉCNICA

MEMÓRIAS DOS LEITORES DA BIBLIOTECA DO TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 3ª REGIÃO (MG)

AUTORES

Adelina Maria Vecchia	Kassandra Clatworthy
Adriana Goulart de Sena Orsini	Luciana Carvalho Rodrigues
Adrieli Nunes de Oliveira	Luciana Xavier Passeado
Álamo Chaves	Márcia Lúcia Neves Pimenta
Ana Maria de Araújo	Maria Creuza Sales
Anildo Gomes Vieira	Maria de Lourdes Veloso Vieira
Aparecida Faria do Nascimento Borges	Maria do Carmo Marinho de Oliveira
Beatriz de Paula Silva	Maria Eugênia Costa Machado
Bruno Álvarez Perez Alvarenga	Mauro Lúcio Alves da Silva
Bruno Taunay Gripp Mota	Myriam Regina Nogueira Soares
Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto	Olga de Araújo Moreira
Dalton Ricoy Torres	Patrícia Côrtes Araújo
Denise Maria Ribeiro Moreira	Patrícia Rocha Nobre
Fernando Brescia dos Reis	Priscila La Gatta Carminate
Georgino Martins Fagundes Júnior	Rubens Goyatá Campante
Gustavo Adolfo de Paula Alonso do Carmo	Sérgio Aurélio de Souza
Helen Drosghic Melo Araújo	Túlio Manoel Leles de Siqueira
Karin Gäbel	Wellington Rodrigues da Silva

ORGANIZAÇÃO: Márcia Lúcia Neves Pimenta
Túlio Manoel Leles de Siqueira

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Márcia Lúcia Neves Pimenta

REVISÃO DE TEXTOS: Henrique Olegário Pacheco

DIAGRAMAÇÃO: Patrícia Côrtes Araújo

CAPA: Publicidade - Secom TRT/MG

APOIO À PUBLICAÇÃO: Escola Judicial do TRT da 3ª Região

ADMINISTRAÇÃO BIÊNIO 2024 / 2025

Denise Alves Horta - Desembargadora Presidente
Sebastião Geraldo de Oliveira - Desembargador 1º Vice-Presidente
Emerson José Alves Lage - Desembargador 2º Vice-Presidente
Manoel Barbosa da Silva - Desembargador Corregedor
Antônio Carlos Rodrigues Filho - Desembargador Vice-Corregedor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533

Memórias dos leitores da biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região / Organização Márcia Lúcia Neves Pimenta e Túlio Manoel Leles de Siqueira - 1ª ed. - Belo Horizonte: Tribunal Regional do Trabalho 3ª Região, Escola Judicial, Biblioteca, 2025.

140 p.; il.

ISBN: 978-65-83445-21-6

1.Leitor - Memória 2.Biblioteca - Memória 3.Leitura 4.Livro I. Título II. Pimenta, Márcia Lúcia Neves III. Siqueira, Túlio Manoel Leles de.

CDU 82-94

“Todo ser humano é uma biblioteca única com histórias e ideias que são amalhadas pelo caminho que ele percorre”.

Giovani Miguez

SUMÁRIO

PREFÁCIO	09
INTRODUÇÃO	13
POEMA EM CORDEL - Olegário Alfredo	17

DEPOIMENTOS

Adelina Maria Vecchia	21
Adriana Goulart de Sena Orsini	25
Adrieli Nunes de Oliveira	31
Álamo Chaves	33
Ana Maria de Araújo	37
Anildo Gomes Vieira	41
Aparecida Faria do Nascimento Borges	43
Beatriz de Paula Silva	45
Bruno Álvarez Perez Alvarenga	47
Bruno Taunay Gripp Mota	51
Célia Aparecida Corrêa Zenha Calixto	53
Dalton Ricoy Torres	57
Denise Maria Ribeiro Moreira	59
Fernando Brescia dos Reis	61
Georgino Martins Fagundes Júnior	65
Gustavo Adolfo de Paula Alonso do Carmo	67
Helen Drosghic Melo Araújo	71
Karin Gäbel	75
Kassandra Clatworthy	77
Luciana Carvalho Rodrigues	79
Luciana Xavier Passeado	83
Márcia Lúcia Neves Pimenta	87
Maria Creuza Sales	89
Maria de Lourdes Veloso Vieira	93
Maria do Carmo Marinho de Oliveira	95

Maria Eugênia Costa Machado.....	103
Mauro Lúcio Alves da Silva	107
Myriam Regina Nogueira Soares	109
Olga de Araújo Moreira	113
Patrícia Côrtes Araújo.....	117
Patrícia Rocha Nobre	119
Priscila La Gatta Carminate.....	121
Rubens Goyatá Campante	123
Sérgio Aurélio de Souza.....	127
Túlio Manoel Leles de Siqueira.....	129
Wellington Rodrigues da Silva	133
REFERÊNCIAS	139

PREFÁCIO

MEMÓRIAS DA BIBLIOTECA DO TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 3ª REGIÃO

As memórias da Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região refletem a relevância desse espaço ao longo de seus 50 anos de existência, testemunhando o impacto que exerceu na vida de magistrados, servidores e usuários. Mais do que um local de acesso ao conhecimento, a biblioteca consolidou-se como um espaço de construção de memórias afetivas, onde cada pessoa que ali esteve guarda histórias e lembranças ligadas ao universo dos livros e à sua experiência de aprendizado.

Essas memórias, diversas e carregadas de significados, evidenciam como a biblioteca tornou-se essencial para os diferentes públicos. Para muitos, foi o local de primeiro contato com livros jurídicos ou o ponto de partida para encontrar respostas a questões complexas no exercício profissional. Para outros, foi um refúgio de serenidade, um espaço para estudo e pesquisa que favoreceu o desenvolvimento acadêmico e pessoal. Servidores e Magistrados recordam, com carinho, o apoio encontrado, seja na orientação para localizar materiais, seja nas trocas de saberes com os Bibliotecários, sempre comprometidos em facilitar o acesso ao conhecimento.

As lembranças, no entanto, não se limitam ao manuseio de livros. Elas abrangem o aspecto humano, as interações e as conversas que criaram uma verdadeira comunidade de aprendizado e colaboração. Para muitos, o ambiente acolhedor da biblioteca se tornou uma extensão do local de trabalho, um espaço propício para se aprofundar em temas cruciais para a atuação no Tribunal.

Ao longo dessas cinco décadas, a biblioteca também desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de projetos inovadores, sempre se adaptando às demandas e aos avanços tecnológicos. A criação da Biblioteca Digital, por exemplo, representa um marco dessa evolução, ampliando o alcance do acervo e facilitando o trabalho de magistrados e servidores em tempos de digitalização e de novas formas de compartilhamento do conhecimento.

Essas memórias, tanto individuais quanto coletivas, compõem o valioso legado da biblioteca. Elas demonstram como um espaço de leitura e de pesquisa pode transcender suas funções originais, tornando-se um lugar de afeto, de troca de conhecimentos e de crescimento pessoal.

A Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, ao longo de seus 50 anos de existência, mantém-se como um alicerce indispensável para seus frequentadores, fortalecendo não apenas o papel institucional do Tribunal, mas também promovendo uma cultura que valoriza a leitura, a pesquisa e o conhecimento.

Que essas memórias sirvam de inspiração às futuras gerações, destacando a relevância de um acervo especializado, do suporte oferecido pelos profissionais da biblioteca e do compromisso contínuo com a preservação e disseminação do saber.

Que a trajetória da biblioteca jamais seja esquecida, permanecendo como um símbolo de dedicação à leitura, à cultura, à educação e à história do Tribunal Regional do Trabalho - 3ª Região.

DENISE ALVES HORTA
Desembargadora Presidente
do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região



Entrega do “Prêmio Desembargador Antônio Álvares da Silva” do
II Concurso de Monografias da Biblioteca - Ano 2024

Fonte: Secom/TRT3



Selo Comemorativo do Cinquentenário da Biblioteca do TRT3 (MG)



O edifício Mário Werneck, localizado na Rua da Bahia, nº 112, integra o conjunto arquitetônico da Praça da Estação e é protegido pelo patrimônio histórico e cultural. Transferido pela União ao TRT-MG em 2011, passou por reformas e adaptações supervisionadas pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais para abrigar as instalações da Escola Judicial.

INTRODUÇÃO

Este livro é um convite à memória, um abraço ao tempo e às histórias que o percorrem. Mais do que palavras, ele carrega a essência de quem viveu e respirou a biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região - servidores, frequentadores e apaixonados pelos livros que encontraram aqui um espaço de aprendizado, acolhimento e transformação.

“Memórias Afetivas da Biblioteca do TRT3” é, acima de tudo, um registro de humanidade. Cada relato presente nestas páginas reflete a trajetória única de seus autores, com suas vivências, desafios e conquistas. Por respeito à autenticidade e à sensibilidade de cada memória, optamos por preservar a originalidade de suas palavras, mantendo intacta a emoção que transborda em cada frase. São pequenas histórias que, somadas, tecem uma narrativa rica e plural, revelando como a biblioteca transcendeu sua função de espaço físico e tornou-se um lar cultural e intelectual para muitos.

Este livro também celebra a biblioteca como um espaço de encontro - entre pessoas, ideias e gerações. As fotografias, espalhadas ao longo das páginas, eternizam momentos especiais vividos neste ambiente que acolheu sonhos, inspirou mudanças e foi testemunha da história de uma sociedade em constante evolução.

Esperamos que esta obra seja mais do que um registro documental. Desejamos que ela inspire e emocione, despertando em cada leitor o sentimento de pertencimento e a certeza de que a Biblioteca do TRT3 é, e sempre será, parte viva da história cultural e social de Minas Gerais. Que cada memória aqui guardada sirva como um lembrete de que os livros são mais do que objetos - são portais que nos conectam uns aos outros e à nossa própria humanidade.



Biblioteca do TRT-MG
Fonte: Secom/TRT3



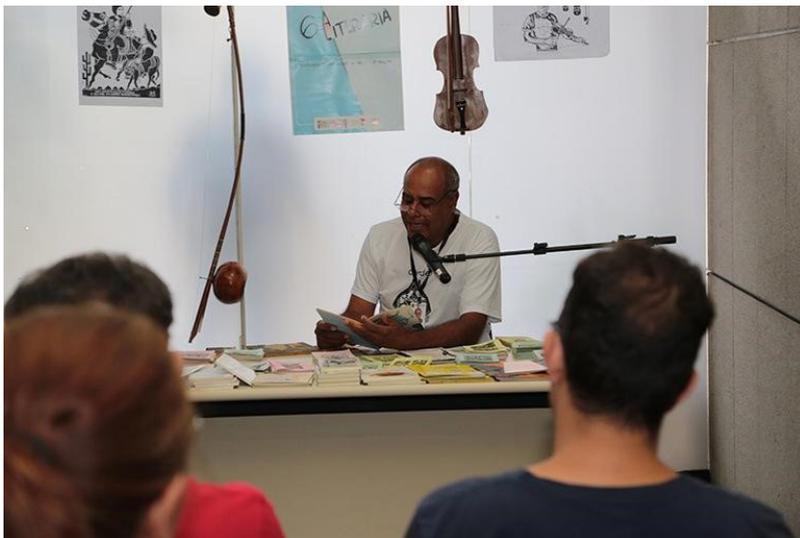
Fachada do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região
Fonte: Secom/TRT3



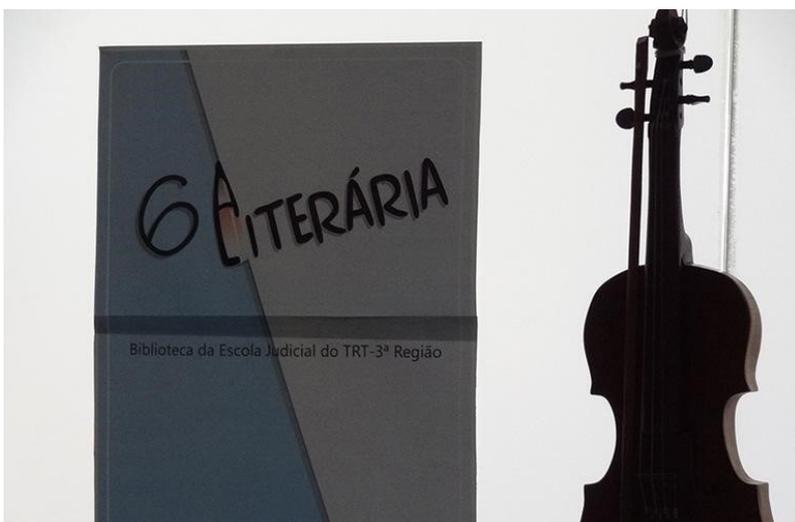
Biblioteca do TRT-MG faz 49 anos -
4º Encontro de Bibliotecários Jurídicos de Minas Gerais - Ano 2024
Fonte: Secom/TRT3



1º Encontro dos Agentes Culturais da Praça da Estação
no TRT3(MG) - Ano 2024
Fonte: Sitraemg



Início do projeto "Sexta Literária" - Ano 2016
Fonte: Secom/TRT3



POEMA EM CORDEL

OS 50 ANOS DA BIBLIOTECA DO TRT/MG

Olegário Alfredo (Servidor TRT3 - MG)*

Entre na biblioteca
Não perca um só segundo
Os livros estão escritos,
A linguagem traduz o mundo
A leitura é para a mente
No acolhedor ambiente
Um aprendizado profundo.

Ler não é matar o tempo
É um remédio para o viver
E a biblioteca o que é
É o espaço do saber
Cumprindo seu papel
No imenso carrossel
De educar para crescer.

Aqui mando o meu recado
Aos mentores da cultura
Faça da biblioteca
Um canteiro da fartura
É que devemos ensinar
Em qualquer canto ou lugar
O amor pela leitura.
A biblioteca também é
Pulso do conhecimento

* Mestre da Cultura Popular. É membro titular da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO). Servidor público aposentado da Biblioteca do TRT MG.

Um local de descoberta
Prazer e divertimento
Na formação de leitores
À cata de bons autores
Um salutar complemento.

Cinquenta anos de existência
A memória permanente
Guardada em livros, jornais
Periódicos e nas mentes
De todos frequentadores
Estudantes e servidores
Que se fizeram presentes.

DEPOIMENTOS



Servidores/Estagiários da Biblioteca do TRT3 - Ano 2024

Fonte: Memória do TRT3

ADELINA MARIA VECCHIA
(Servidora aposentada/TRT3-MG)

Sou Servidora Pública aposentada, casada. Sou do interior de Minas, natural de São Francisco do Glória - MG, município da Zona da Mata. Estudei o primário, o ginásial e o ensino médio na minha cidade natal e o curso superior, bacharelado em Direito, na UFMG, em Belo Horizonte. Trabalhei em empresas privadas por 14 anos e no Tribunal Regional do Trabalho por 26 anos, sendo 25 na Diretoria da Secretaria de Documentação, Legislação e Jurisprudência, atual Secretaria de Documentação (SEDOC). Eu me mudei para Belo Horizonte em 1976.

Na minha infância tínhamos poucos livros e revistas em casa. O primeiro livro de que me lembro foi *As Mais Belas Histórias*, da Lúcia Casassanta, que li e reli várias vezes. Minhas lembranças de contadores de história não incluem professores, nem membros da família. Histórias para dormir não era um hábito familiar, mas nunca íamos para cama sem fazer as orações noturnas. Contudo, havia uma vizinha que passava as tardes contando histórias para a criançada e eu adorava.

Minha família tradicionalmente é de leitores: pais, irmãos, irmãs, tios, além de tia poetisa e prima escritora. Quanto aos avós, embora me lembre pouco deles, pois morávamos em cidades diferentes, não sei se eram bons leitores, contudo meu avô era considerado um homem muito inteligente e culto. Quanto aos meus pais, embora não houvesse muitas opções na cidade, liam sim, mas era a rádio a maior fonte de informações e de distração.

Sempre gostei muito de ler, não me lembro quando comecei a me interessar pela leitura, acho que desde sempre. Aos seis anos entrei no jardim de infância e já conseguia ler muitas palavras, pequenas frases e escrevia. Aos sete fui para o primário e já lia bem. Meu gosto pela leitura se intensificou quando o colégio em que estudava, já no ginásial, formou uma pequena biblioteca,

com direito a empréstimo. Essa foi a minha primeira experiência com mais livros.

Na minha cidade não havia outras bibliotecas, nem livrarias, só nas cidades vizinhas. Os livros e revistas eram passados de mão em mão. Todos tinham prazer em compartilhar. Com a biblioteca do colégio e a rede de empréstimo, li muito, na adolescência, romances, revistas de fotonovelas, livros de bolso, os indicados pelos professores e obrigatórios para trabalhos escolares, como os de José de Alencar, Machado de Assis e outros. O que mais me marcou foi *O Meu Pé de Laranja Lima*. Li e reli várias vezes.

Já em BH frequentava muitas livrarias, comprando livros para mim ou para presentear.

Quanto à minha vida profissional, comecei no Tribunal em 1990 e me aposentei em 2016. Trabalhei na Diretoria da Secretaria de Documentação, Legislação e Jurisprudência por 25 anos, hoje Secretaria de Documentação (SEDOC). A Biblioteca era uma Seção da DSDLJ. Passei por todos os processos, desde os fichários de papel, máquina de escrever manual, elétrica, os primeiros terminais de computador, os primeiros microcomputadores, vários programas diferentes.

A leitura sempre fez parte de minha vida, mas o tempo que trabalhei no Tribunal foi o período em que mais li. As colegas de trabalho sempre tinham bons livros para oferecer em empréstimo. A criação do espaço de livros literários na Biblioteca facilitou e estimulou muito a leitura. Minha relação com a Biblioteca durou muitos anos e era diária. Eu era Assistente da Diretora da unidade, onde a Biblioteca funcionava. Participei de muitos processos no setor, das atividades, das mudanças de locais, dos programas novos, de muitos eventos interessantes, como as comemorações dos aniversários da Biblioteca, criação do espaço literário, algumas campanhas etc.

Quanto a Belo Horizonte, acredito que seja uma cidade que oferece muitas atividades culturais, shows, exposições, feiras, Campanha de Popularização do Teatro, além de muitas atividades gratuitas, sempre informadas em rádios e redes sociais. Havendo interesse, a cidade oferece boa programação.

Os livros on-line, hoje muito utilizados, pela facilidade para comprar e transportar, não substituem os livros em papel. Esses são mais prazerosos de ler, fáceis de folhear, anotar, voltar para rever algum trecho, ler e reler as partes mais interessantes.

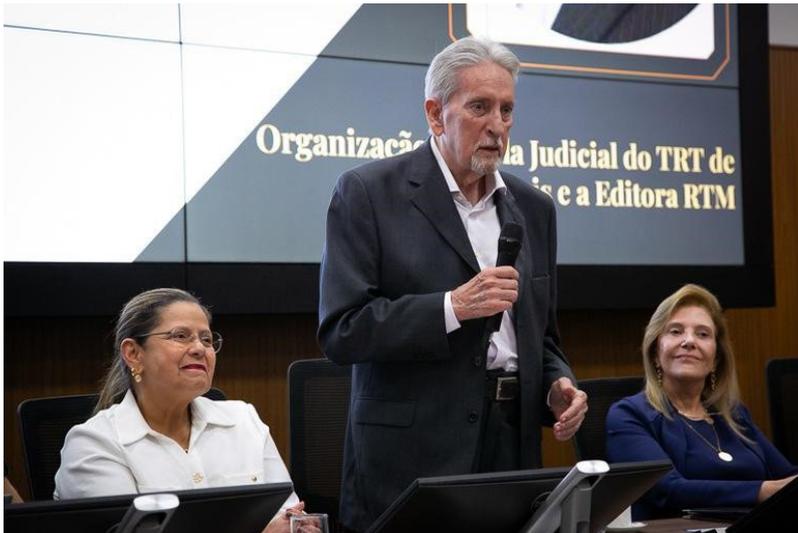
Quanto aos espaços das bibliotecas, bem menos utilizados, são ótimos para a leitura, mais calmos e tranquilos.

Atualmente aposentada, me considero uma boa leitora e, hoje, minha relação com a Biblioteca está relacionada aos eventos organizados pelo setor e a amizade com os colegas.



Comemoração dos 30 anos de inauguração
da Biblioteca Juiz Cândido Gomes de Freitas - Ano 2005

Fonte: Secom/TRT3



Prêmio Desembargador Antônio Álvares da Silva
do II Concurso de Monografias Jurídicas da Biblioteca - Ano 2024
Fonte: Secom/TRT3

ADRIANA GOULART DE SENA ORSINI
(Desembargadora/TRT3-MG)

Nasci em Belo Horizonte no dia 17 de junho de 1962, em um domingo, final da Copa do Mundo, na Maternidade do Hospital São Lucas.

Sempre morei na capital mineira, apesar de ter mudado de bairros (em ordem desde o meu nascimento - Centro, Floresta, Lourdes, Cidade Jardim e novamente em Lourdes). Nos períodos em que fui servidora e magistrada no interior de Minas Gerais residi em Governador Valadares, Coronel Fabriciano e João Monlevade.

Quando era pequena, na minha casa existiam muitos livros, aliás meu pai era Professor Universitário e sempre comprava livros para mim e meus irmãos. Na época, a forma de se pesquisar para trabalhos escolares era por meio de Enciclopédias. Na minha casa existiam as três melhores enciclopédias que eram encontradas no Brasil: a Delta Larousse, a Barsa e a Mirador. Me lembro de colegas meus e de meus irmãos irem lá em casa para terem acesso a essas preciosidades para o descobrimento do mundo. Livros infantis e muitos papéis para colorir e desenhar eram facilmente acessados nos nossos quartos, como na sala onde a família ficava, especialmente à noite.

Meus familiares eram leitores e leitoras e especialmente assíduos. Posso dizer os seguintes familiares: meu avô materno (Luiz Goulart de Azevedo), meu pai (Alaôr Savoie de Sena), minha mãe (Eleana Goulart de Sena), meu tio (Aécio Bastos da Fonseca), minhas tias (Helena Augusta Goulart Fonseca, Eliana Ronki Sena), meus irmãos, todos, (Flávio, Marcelo e Rafael), que até hoje possuem o sobrenome de nascimento, Goulart de Sena, sem acréscimo e/ou modificação.

Em minha casa havia o costume de contar histórias e/ou de ler antes de dormir. Quando éramos pequenos, minha mãe lia e fazia uma roda entre nós para, antes de irmos para cama, fazer um encontro

com ela. Meu pai era o ponto de apoio com as Enciclopédias. Ele era, na sociedade patriarcal que vivia e que vivo, o provedor financeiro e o que, naquele momento, possuía curso superior.

Minha mãe, quando eu estava na 5ª série, hoje 6ª fundamental, voltou a estudar e se formou em Psicologia. E aí, já uma universitária dedicada, vira ponto de contato da ciência, do conhecimento científico de Freud e Lacan, Bourdieu, Weber e Comte, dentre outros. Minha avó materna, quando eu ia dormir na casa dela, já que era a minha madrinha de batismo e sempre tivemos uma ligação muito forte, tinha um armário com as seleções ... uma revista que meus avós assinavam. Como era interessante estar ali e ela contar não as estórias da carochinha, mas sim as novidades que vinha das revistas “seleções”. Era tudo para mim.

Minhas primeiras lembranças de livros remontam a livros por toda a minha casa, com acesso fácil, o que repeti com minhas filhas e a contação de estórias antes de dormir e o contato com as ilustrações e sonhos que adviriam depois, inclusive de um mundo justo, com direitos, com alegria e felicidades para todos.

Quando era criança não havia maternal, nem creche, então a entrada no mundo escolar se deu no Jardim de Infância e na época era a 1ª série e se chamava “primário”. Estudei até a 4ª série no Colégio Estadual Leon Renault, na Gameleira. Entrei aos 5 anos de idade. Não precisei prestar a chamada admissão para o ginásio que acabou em 1971, exatamente o ano que cursava a 4ª série. Foram anos muito, mas muito felizes. Levo as melhores lembranças do Colégio, hoje denominada Escola Estadual Professor Leon Renault. Aprendi a ler no primeiro ano de escola, mas a condição de leitura corrente veio no início do 2º ano. Me lembro no carro da minha mãe e a primeira vez que consegui ler um outdoor ... na av. Amazonas ... um mundo se descortinou, algo ligou em mim e a partir daí não havia nada que não queria ler e tentar entender ... o mundo.

Havia “biblioteca” na minha escola. Eu convivi com alguns (algumas) professores(as) que contavam histórias em sala de aula. Havia aula na biblioteca e recreio. Muitas e muitas vezes, eu passava na biblioteca ou vendo flores nos jardins do Colégio. Num

e noutra a curiosidade, a vontade de entender o mundo à minha volta. Tenho na lembrança a Professora Santuza Abras que foi uma professora que manteve contato com a minha turma até a sua morte. As redes sociais, especialmente o facebook, colaboraram para vários reencontros e vários encontros pela vida. Professora Santuza contava estórias e histórias ... uma mestra com todas as letras maiúsculas, que amava a docência e seus alunos, e eu a amava também, pelo cuidado, zelo e ensinamentos.

No Bairro Floresta não havia uma biblioteca, mas a Igreja da Floresta tinha um padre que gostava muito de livros e de ciência, especialmente de astronomia, se não me falha a memória havia um pequeno telescópio em que ele olhava para o céu. Ele era estrangeiro e tinha esse apego à leitura, assim deixava livros à disposição na igreja para leitura. Quando mudei para o bairro de Lourdes, a biblioteca da Praça da Liberdade era um local que sempre ia com meu pai. Ele gostava muito de bibliotecas. Minha mãe gostava das livrarias. Assim, a frequência e o gosto pelos dois espaços sempre foram cultivados por mim, por influência de ambos.

A leitura na adolescência foi muito orientada pelos professores de Português, além de coleções clássicas que eram vendidas às famílias - Coleção José de Alencar, Machado de Assis. Lá em casa tinha até a coleção do Malba Tahan, pois papai a comprou porque os contos e os escritos ajudavam na solução de problemas e em raciocínios matemáticos. Todos os livros que eram indicados pelos Colégios que estudei, minha família os adquiriu e, tanto eu quanto meus irmãos líamos os livros indicados e os que tínhamos em casa. Um hábito que sempre tive, desde que me entendo “por gente” (rs) é ter um livro na cabeceira da minha cama para uma leitura antes de dormir, sempre umas páginas antes do apagar das luzes. Outro hábito adquirido por sugestão de meus pais era, ao viajar, levar um livro para leitura em tempos livres, quando tomando sol na praia, ou à noite no quarto. Esses dois hábitos eu os mantenho até hoje. Acho que não seria a Adriana, se não os mantivesse. Adoro ler livros! Na minha adolescência havia uma coleção chamada Vagalume da Editora Ática e foi adquirida pelos meus pais. Um livro desta coleção

de que eu jamais me esqueci foi o “Escaravelho do Diabo”. Comecei a ler e não queria parar de jeito nenhum...

Frequentava as livrarias e ainda as frequento. Outro hábito também adquirido desde pequena. Sempre acompanhava minha mãe na compra dos materiais escolares. E as papelarias de antigamente se pareciam muito com as grandes livrarias de hoje. Aprendi a amar tudo que dizia respeito à Escola e ao meu aprendizado. Meus cadernos eram comprados com antecedência, eu os encapava e para diferenciá-los, no ginásio, eu adquiria um adesivo (o que era difícilimo e caríssimo na época) ou fazia, nas férias, desenhos que iriam me acompanhar no ano letivo. Os livros eram encapados de plástico transparente para que ficassem em família e pudessem ser manuseados na necessidade que houvesse e no local que quiséssemos. E, claro, já os folheava por curiosidade. Visitar as livrarias de Belo Horizonte e do exterior equivale a SEMPRE. Não há um lugar que tenha visitado que não tenha acessado uma livraria. Faz parte do meu roteiro de viagem. Até nas viagens de corrida levava os atletas corredores para a livraria e eles amavam. Livrarias que me impactaram muito: a de Schenzhen/China, Moscow/Rússia, Buenos Aires/Argentina. Em São Paulo eu tinha livrarias prediletas nos Jardins, mas a especulação imobiliária e a diminuição do gosto de leituras pelos jovens têm diminuído os espaços, quando não são fechados, o que é triste. Em BH, amo as livrarias da Savassi, pequenas ou grandes, são tudo de bom. Programa quase que semanal, digamos assim.

Eu não tenho a menor dúvida de que o fato de meus pais terem franqueado livros e livros na minha vida e de meus irmãos tenha influenciado nas nossas vidas profissionais. Todos nós somos leitores vorazes. Sempre trocamos ideias de livros lidos, de resenhas de livros a serem adquiridos, damos de presente livros, porque livros é tudo de bom. Sem gostar de livros eu penso que eu não seria magistrada, porque penso que teria ocorrido uma mudança de perspectiva na minha vida de adolescente e jovem na cidade de Belo Horizonte. Sempre houve e haverá outros estímulos além dos livros e da leitura. Assim, aprender a gostar e se debruçar em livros desde sempre é algo que, sim, influenciou e influencia a minha vida

profissional. E nos autos, quantas vezes eu me ponho a pensar que a vida imita a arte ou ... a arte imita a vida. Tanto na UFMG, quanto no TRT, sempre tenho oportunidades de estar em bibliotecas e de acessar conhecimento por meio delas. Na época da Faculdade de Direito, antes de fazer estágios, todas as tardes eram na biblioteca da Faculdade de Direito, inclusive.

Na minha percepção, Belo Horizonte é uma cidade que convida à leitura e que oferece as condições para que sua população e seus visitantes tenham acesso a atividades culturais, dependendo do lugar, do bairro e da distância que a pessoa estiver de bibliotecas, clubes do livro, livrarias, papelarias que vendem livros ... ou, até mesmo, de bancas de revistas. Eu não tenho qualquer preconceito com a leitura de revistas, de quadrinhos, de livros em formato “pocket”, porque a meu ver é leitura e pode levar ao gosto e a leitura de livros ... Se a pessoa morar perto desses lugares e estímulos é muito mais fácil estabelecer o convite à leitura como mencionado na pergunta. Mas penso que as Escolas são importantes no contexto de acesso à cultura, divulgação de acessos, trabalhos e trabalhos ligados ao direito à cultura, constitucionalmente assegurado. Políticas públicas devem ser pensadas de forma séria para que tal direito não seja relegado à vontade de um ou outro administrador público. O hábito de leitura há de ser cultivado e sem livros, espaços e incentivos a que tal ocorra, é muito difícil imaginar que tal hábito não se circunscreva a alguns poucos. É preciso oferecer condições reais para que a população de Belo Horizonte e quem nos visite tenha um real e verdadeiro acesso às atividades culturais e aos livros.

Acho, sim, que as bibliotecas ainda são espaços relevantes de leitura, troca de ideias, estudo, aprendizagem, etc. E não tenho a menor dúvida que são. Já tive oportunidade e tempo de ser voluntária na Biblioteca da Igreja do Carmo no bairro Carmo-Sion, em Belo Horizonte/MG. Todas as terças-feiras de manhã eu ajudava nas atividades da biblioteca e contava estórias para crianças que acessavam o espaço da biblioteca e lá ficavam conosco. Foi um momento muito lúdico, eu já era magistrada e me reencontrei com a Dra. Hermengarda de Araújo Sertã que também frequentava a

Igreja do Carmo e era voluntária na Biblioteca que se chama “Edith Stein”. O Frei Cláudio era um grande incentivador da biblioteca da Igreja, mencionava nossas atividades, os livros adquiridos e incentivava a participação da comunidade do bairro. Eu penso que as bibliotecas podem ser locais de leitura (eu mesma estudei para o concurso de magistratura no espaço da biblioteca do TRT3 quando era na Av. Getúlio Vargas). Grupos de estudos podem ser levados a efeito nas bibliotecas, o que reverbera aprendizagem para todos, inclusive quem conduz. Uma coisa que é comum ver em livrarias e instituições de ensino no exterior são as leituras com autores acho que no Brasil essa atividade não é considerada, mas vejo que a possibilidade de contato com um autor e ele realizar a leitura de trecho que ele destaca do livro lançado, para mim é algo maravilhoso, repito, pouco explorado por aqui.

Hoje sou Conselheira da Escola Judicial e estou ligada à Biblioteca do TRT da 3ª Região, o que tem sido ainda mais realizador e motivador para o meu olhar para a biblioteca, o meu cuidado, os meus pedidos de livros. Para falar a verdade, eu até entendo o motivo da ida e permanência da biblioteca junto a Escola Judicial, mas a saída dela da sede do TRT impactou sim a minha ida presencial ao espaço dela. Mas, no contexto da gestão de um Tribunal e a sua ligação umbilical à Escola Judicial, o lugar dela está perfeito e maravilhoso. Penso, que podemos pensar em fazer um aplicativo para a biblioteca, onde os livros possam ser facilmente pedidos por ele, algo que vá na mão do servidor/magistrado. Mas a manutenção dos e-mails da biblioteca também é crucial para que ela siga viva a distância, seja no interior, seja em outros prédios do Tribunal. Tenho muitas lembranças da biblioteca! Muitas tardes lá estudando, muitos livros emprestados, muitas idas lá quando ia a Caixa TRT, muitos servidores com sorriso no rosto e disponibilidade para ajudar. Até cheguei a ser convidada para escrever artigo com nossa equipe sobre arquivos, bibliotecas e afins. Meu afeto com as bibliotecas é tão imenso que também estou no Conselho da Biblioteca do Campus da UFMG, a nossa biblioteca central. Sou uma apaixonada por bibliotecas, livros, livrarias e afins. Não vivo sem!!

ADRIELI NUNES DE OLIVEIRA
(Estagiária de Pedagogia/TRT3-MG)

Sou estudante de Pedagogia na UEMG. Passei minha infância em Ibitaré e, aos sete anos, me mudei para São José da Lapa. Desde cedo, a educação foi uma prioridade na minha vida. Aos seis anos, já sabia ler, incentivada pelos meus pais, que sempre valorizaram o estudo, apesar das dificuldades financeiras. Minha mãe, dona de casa, e meu pai, servente, me ensinaram que o conhecimento poderia transformar meu futuro - e essa lição levo comigo até hoje.

Desde pequena, fui empolgada por histórias em quadrinhos, especialmente pela Turma da Mônica, que até hoje tem um lugar especial no meu coração. Na adolescência, ao fazer um curso no Senai sobre aprendizagem e confecção de bolsas, me deparei com uma biblioteca incrível. Foi lá que mergulhei nos romances e descobri o prazer de viajar por mundos desconhecidos sem sair do lugar.

Essas foram minhas primeiras experiências com os livros, e hoje tenho a sorte de estagiar na Biblioteca Jurídica do TRT-3. Aqui, não apenas continuo lendo, mas também participo do Clube do Livro, onde as histórias ganham vida através das trocas e discussões. Trabalhar na biblioteca tem sido mais do que um aprendizado, tem sido um presente.

A leitura, para mim, é mais do que uma simples prática - é uma porta para o infinito. Cada página virada me transporta para lugares que talvez eu nunca visite fisicamente, me permite viver vidas que nunca seriam minhas, sentir emoções que só as palavras sabem despertar. Os livros me ensinaram que a imaginação e o conhecimento são os verdadeiros passaportes para qualquer destino. E, no fim das contas, não importa onde eu esteja: sempre haverá uma história pronta para me levar além.



Adrieli Oliveira, Estagiária de Pedagogia da Biblioteca do TRT3 - Ano 2025
Fonte: Memória do TRT3

ÁLAMO CHAVES (Presidente do CRB-6)

RECONHECIMENTO À RELEVÂNCIA DA BIBLIOTECA DO TRT-3

Desde 2021, ocupo o cargo de Presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região (CRB-6), autarquia de fiscalização profissional criada pela Lei Federal nº 4.084, de 30 de junho de 1962, cujo objetivo é o de fiscalizar a profissão de Bibliotecário nos estados que compõem a sua jurisdição: atualmente, Minas Gerais e Espírito Santo.

Ainda adolescente, em Nanuque, minha cidade natal localizada no Vale do Mucuri, decidi pela graduação em Biblioteconomia. A instituição escolhida para realizar esta empreitada foi a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Durante o ensino médio, foram inúmeros os dias imerso em livros e frequentando locais como a Biblioteca Pública Municipal Murilo Badaró, coordenada pela Bibliotecária Jussara Feitosa, uma das minhas principais inspirações para a escolha do curso.

O contato com os livros foi fundamental para que eu desenvolvesse habilidades de escrita e interpretação. Com boas notas nas ciências humanas, fui aprovado no vestibular da UFMG. Iniciou-se, então, uma trajetória de mais de quatro anos frequentando as bibliotecas do Campus Pampulha que moldaram a minha formação.

Cursando os créditos dos últimos períodos na Universidade, fui aprovado em uma seleção para trabalhar como Auxiliar de Biblioteca numa unidade do Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), uma instituição ligada à Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) e que compõe o Sistema S. Após formado, participei de um novo processo seletivo, desta vez internamente, no qual fui promovido ao cargo de Bibliotecário, que na época se chamava Técnico em Informação e Documentação. E ali permaneci por 12 lindos anos. Os melhores da minha vida.

Como sempre fui muito proativo e intenso, constantemente mantive uma segunda ocupação profissional de meio período em

paralelo ao meu trabalho no SENAI. Eu precisava dar vazão à minha criatividade e trabalhar em bibliotecas foi uma forma natural de materializar meus projetos. Trabalhei paralelamente em meio período em fundações, empresas de tecnologia, escolas de idiomas até que um dia a UFMG, onde cursei minha graduação, abriu um edital para um concurso no qual havia um grande número de vagas para o cargo de Bibliotecário. Sem grandes pretensões, me inscrevi no certame e fui aprovado.

Foi com muita tristeza que solicitei demissão do SENAI e da Fundação em que atuava para tomar posse no novo local de trabalho. O ofício nas escolas do SENAI era dinâmico, cheio de projetos, ações pedagógicas e educativas, eventos técnicos, atividades literárias, além de propiciar inúmeros cursos de capacitação e participações em congressos e seminários de porte nacional e internacional ao longo de todos os anos.

A rotina em bibliotecas escolares era sempre vibrante, intensa e envolvia toda a comunidade escolar. Diferentemente de uma biblioteca universitária, na qual os serviços e rotinas são, em geral, mais padronizados e sem muita margem para reinvenções.

Entretanto, naqueles tempos, o país estava às vésperas do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Algumas unidades do SENAI eram muito dependentes do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), uma ação do Governo Federal, o qual foi reduzido ao mínimo após a saída da presidente do poder. Igualmente, em nível estadual, a Fundação em que atuava era muito dependente de projetos do então governo estadual, derrotado nas urnas por um candidato de partido opositor. Os projetos e os recursos no SENAI e na Fundação escassearam. E em tempos de carestia nas instituições, as bibliotecas, em geral, são um dos primeiros locais a sofrerem com a falta de investimentos. Por mais que eu quisesse continuar na iniciativa privada, as condições do país e de Minas Gerais, à época, me fizeram solicitar o desligamento dos meus então locais de trabalho e a tomar posse no serviço público.

Uma forma encontrada para dar vazão à minha criatividade foi integrar a gestão do CRB-6. Durante a primeira gestão, foram realizados inúmeros projetos e ações em favor das bibliotecas de Minas Gerais e do Espírito Santo. O trabalho era realmente inspirador.

A participação em órgãos de representação é de extrema importância para qualquer construção coletiva, bem como para a organização política das categorias profissionais, trazendo visibilidade para as mesmas, bem como uma experiência positiva para a construção da identidade e o amadurecimento profissional. A experiência agrega valores na trajetória individual de cada profissional que escolha este caminho, sendo também uma trajetória coletiva por se tratar, antes de mais nada, de um movimento social, tão importante nos dias atuais.

Após duas gestões como conselheiro do CRB-6, me dediquei a cursar disciplinas do curso de mestrado na UFMG, onde então havia tomado posse como Bibliotecário-Documentalista pouco antes.

Por questões de saúde mental, não me qualifiquei para defender minha dissertação de mestrado. Abandonei o curso quase em seus finais para recomeçar a vida pessoal. Mas eis que o mundo é surpreendido pela pandemia do coronavírus. E essa história todos conhecemos.

O trabalho na UFMG passou a ser realizado remotamente, de casa. Mas, mais uma vez, eu precisava realizar coisas que dessem vazão ao meu ímpeto criativo. Foi quando lembrei dos trabalhos realizados no CRB-6 e comecei a conversar com colegas de profissão para recrutá-los para uma gestão na eleição que ocorreria no final de 2020. Para minha surpresa, quase todos os colegas convidados aceitaram o desafio.

A chapa já estava quase formada quando, estranhamente, recebi um *e-mail* com o assunto “Carta ao Articulador da Chapa do CRB-6”. Ao abrir o documento enviado, me deparei com uma solicitação em tom quase impositivo de profissionais do Espírito Santo exigindo que metade dos integrantes da próxima gestão do Conselho fosse composta por profissionais capixabas. Foi um tanto quanto intrigante, uma vez que poucas pessoas sabiam do meu interesse em integrar a próxima chapa e, mais ainda, que eu disponibilizaria meu nome para a presidência da autarquia. Era como se as pessoas signatárias da carta estivessem certas de que seria eu o próximo presidente. Com a questão da pandemia, as plenárias nos conselhos profissionais de todas as profissões

estavam sendo realizadas por meio de plataformas virtuais. Àquela época, o fim da pandemia era algo completamente incerto. E num mundo de incertezas, eu precisei tomar uma decisão e incluí 10 profissionais do Espírito Santo numa chapa com 25 profissionais. Os outros quinze eram de Minas.

A gestão se iniciou em janeiro de 2021 e foi prejudicada pelos últimos meses da pandemia. Mas o trabalho foi feito, sempre tentando superar as adversidades. Em 2023, me recandidatei para a gestão seguinte, juntamente com boa parte dos atuais conselheiros, e até dezembro de 2026 estamos e estaremos realizando este trabalho de defesa da sociedade por meio da fiscalização das bibliotecas e dos centros de informação em Minas Gerais e no Espírito Santo.

Este trabalho à frente da gestão do Conselho proporcionou conhecer inúmeras bibliotecas e toda sorte de realidade nos dois estados. Tem sido um aprendizado sem igual e todo o conhecimento gerado tem sido convertido em ações para apoiar bibliotecas com maior necessidade de atenção.

Entretanto, há casos em que a biblioteca vive uma realidade de intenso protagonismo. É o caso da Biblioteca da Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho 3ª Região (TRT-3). A instituição, que ora completa 50 anos de existência, vem cumprindo à risca seu papel de prover os profissionais da magistratura, bem como toda uma comunidade de profissionais da área de informações jurídicas, em Minas Gerais. A Biblioteca do TRT-3, estrategicamente localizada no centro da capital mineira - o que democratiza ainda mais o seu acesso -, provê sua comunidade de usuários de conhecimento e de saber jurídico, como ainda atende pessoas da sociedade em geral interessadas na área.

Os profissionais da Justiça em Minas Gerais possuem à sua disposição um acervo qualificado voltado para a área jurídica e assuntos correlatos, centralizado num local agradável e de fácil acesso.

A Biblioteca do TRT-3 é um importante equipamento cultural de disseminação do conhecimento e merece todo o reconhecimento pela sua relevância na área jurídica em Belo Horizonte e em Minas Gerais.

ANA MARIA DE ARAÚJO
(Bibliotecária aposentada/TRT3-MG)

Nasci em Pimenta, estado de Minas Gerais. Venho de uma família grande e com poucos recursos, sou a segunda filha de 08 (oito) irmãos, meu pai era motorista e minha mãe “dona de casa” como chamavam o papel feminino na época. Meu pai era “barrageiro”, um termo utilizado para designar os profissionais que atuavam na construção de barragens hidrelétricas, por isso mudávamos de cidade constantemente acompanhando a empresa, que, mal terminava uma barragem já havia outra a ser construída em outra cidade ou até mesmo em outro estado. Essa rotina de mudanças, fez com que, por diversas vezes, interrompêssemos os estudos no meio do ano. Apesar disso, consegui concluir os estudos sem perder nenhum ano letivo.

Minha primeira experiência com os livros se deu na Escola. Adorava ouvir as histórias que os professores contavam nas aulas de leitura. Às vezes íamos para a Biblioteca, onde podíamos escolher o livro que preferíamos. O aprendizado da escrita foi um marco em minha vida. Entrei na escola aos seis anos de idade (pré-primário) e aos sete anos aprendi a ler. Com o passar do tempo, fui desenvolvendo o gosto pela leitura. Nos livros eu saciava minha sede de conhecimento e, através da leitura, eu podia viajar para outros lugares e sonhar com uma vida diferente - um mundo de magia e imaginação. Uma das leituras que mais me marcaram foi o livro “Meu Pé de Laranja Lima”, do autor José Mauro de Vasconcellos. Fiquei profundamente emocionada com a história, a partir daí, passei a explorar diferentes gêneros literários.

Cada fase da minha vida foi marcada por uma forma de leitura, desde romances, livros de autoajuda, filosofia e literatura brasileira e estrangeira. Hoje, tenho me dedicado a conhecer os clássicos como, Tolstói e Dostoiévski.

A Biblioteca foi para mim um refúgio onde eu podia fugir do cotidiano e sanar meus anseios. Além disso, era um ambiente que estimulava a busca pelo conhecimento e pelo saber. Nas cidades onde morava com meus pais, enquanto meu pai trabalhava nas barragens hidrelétricas, não havia livrarias ou bibliotecas públicas e nem sempre havia bibliotecas nas escolas. Vim conhecer a Biblioteca Pública quando nos mudamos para Formiga, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais onde terminei de cursar o ensino médio, e, finalmente, decidi fazer o curso de Biblioteconomia. As bibliotecas exerceram papel fundamental em minha formação acadêmica e em minha vida profissional. Era o lugar onde podia estudar com tranquilidade e me preparar para os concursos públicos que realizava. Também era ali que realizava minhas pesquisas e promovia reuniões com colegas para fazer trabalhos escolares. Após concluir o curso de Biblioteconomia saí da cidade de Formiga em busca de oportunidades profissionais nessa área, sabendo que em cidades menores, as vagas para bibliotecários eram escassas.

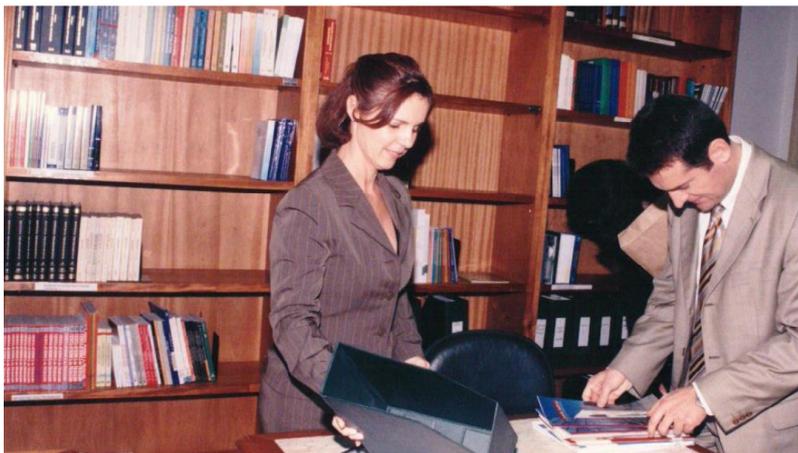
Embora Belo Horizonte tenha evoluído em diversas áreas culturais, acredito que há espaço para mais bibliotecas e livrarias, o que proporcionaria maior acesso à cultura e ao conhecimento, beneficiando assim os seus moradores e visitantes. Atualmente, a cidade oferece condições para que a população e visitantes tenham acesso gratuito às atividades culturais, como exposições de arte, programas de incentivo ao teatro, festivais musicais e gastronômicos etc.

Trabalhei em diversos tipos de bibliotecas: universitária, hospitalar, pública infanto-juvenil, e, por fim, através de concurso público, ingressei no Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, em dezembro de 1997, como Bibliotecária, permanecendo no cargo até abril de 2015, quando me aposentei. No TRT3 atuei como Bibliotecária na Biblioteca principal de 1998 até final de 2002. Em 2003, coordenei os trabalhos de organização, catalogação, classificação e informatização do acervo bibliográfico da Biblioteca “Juiz Osiris Rocha”, criada em homenagem ao ilustre Juiz deste

Tribunal. Além disso, tive o prazer de colaborar no desenvolvimento da Biblioteca Digital do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região (BDTRTMG), um projeto desafiador que demandou muito estudo e pesquisa. Vale ressaltar o apoio decisivo da administração do Tribunal na valorização da cultura da pesquisa e o acesso ao conhecimento através da promoção e modernização da Biblioteca com a aquisição de obras jurídicas, literatura e lazer para juízes e servidores da casa, bem como a aquisição de programas de informatização para a organização, catalogação e classificação do acervo bibliográfico e digital.

Sinto-me realizada, tanto como pessoa quanto como profissional da informação. Olho para minha trajetória com satisfação e gratidão. Fui verdadeiramente feliz ao trabalhar como bibliotecária e servidora do Tribunal Regional do Trabalho de Minas Gerais.

*“Quando gostamos do que fazemos
somos mais felizes”.*



II Curso de Formação Inicial de Juízes - Bibliotecária Ana Maria de Araújo apresenta a Biblioteca Juiz Osiris Rocha ao palestrante Manuel Bellido Aspas, magistrado espanhol - Ano 2004
Fonte: Memória do TRT3



Biblioteca do TRT-MG realiza evento voltado para Escolas Municipais de BH - Cidadania e Trabalho - Ano 2024
Fonte: Secom/TRT3

ANILDO GOMES VIEIRA
(Funcionário terceirizado/TRT3-MG)

Nasci em Resplendor-MG, em 29/10/1972. Sou filho de Darci Gomes Vieira e de Sebastião Idelfonso Vieira. Na minha família somos 04 (quatro) irmãos, sendo duas mulheres e dois homens. Comecei a frequentar escola aos 7 anos de idade na Escola Henrique Diniz, no Bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte. Havia uma biblioteca nessa minha escola e existiam lá muitos livros para serem lidos. O livro que li e gostei foi “A Bela e a Fera”. Eu lia na minha adolescência, pois o conhecimento da leitura é muito importante.

Sou funcionário terceirizado do Tribunal no cargo de “contínuo” e hoje sou porteiro do Tribunal. Trabalhei na Biblioteca até o ano de 2020. Foi muito gratificante, pois são pessoas boas de convívio, como a Márcia, Bruno, Ricoy e Wesley. Tudo que eu aprendi com eles foi muito bom para a minha vida profissional e pessoal! São pessoas de grande coração e só tenho a agradecer a eles.



Comemoração do Dia do Trabalho - Visita realizada à Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de BH - Ano 2024
Fonte: Memória do TRT3

APARECIDA FARIA DO NASCIMENTO BORGES

(Funcionária terceirizada/TRT3-MG)

Sou filha de José Domingos Nascimento e Maria José de Faria Nascimento. Sou natural de Belo Horizonte-MG. Somos um total de 09 (nove) filhos que são: Angela, Vera, Edson, Adriana, Claudinei, Elaine, Tiago e Fabiane. Tenho 03 (três) filhas maravilhosas: Tatiana, Thaís e Ana Clara e 03 (três) netos lindos: Fernanda, Miguel e Estela.

Comecei a trabalhar cedo! Trabalhei por conta própria por muito tempo e estudei muito pouco, mas incentivei minhas filhas a estudarem. Entrei em uma empresa terceirizada em 2000 e fiquei lá por um bom tempo.

Em 2005, entrei no Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região (TRT3 - MG), através de uma empresa terceirizada, na função de Ascensorista, eu gostava muito. Fiquei trabalhando como ascensorista por 08 (oito) anos, e depois fui promovida a Recepcionista. Passei por diversos setores no TRT3 e hoje trabalho na Biblioteca da Escola Judicial do TRT da 3ª Região há mais de três anos.

Para mim a Biblioteca é um dos melhores setores em que já trabalhei. Tem uma equipe sensacional com colegas de quem gosto muito. Hoje em dia tenho muito orgulho em dizer que trabalho na Biblioteca do TRT3, onde aprendi muitas coisas e onde pretendo continuar a trabalhar por muito tempo. Procuro, como funcionária terceirizada da biblioteca, cada vez mais, dedicar-me à função de Recepcionista.

Durante minha vida li alguns livros, sendo que um dos que me marcaram foi “ O Velho e o Mar”, livro escrito pelo autor, Ernest Hemingway.

Agradeço também à Márcia Lúcia Neves Pimenta pelo carinho e paciência.

Agradeço também ao querido Deus, expressando a Ele minha gratidão por tudo que me tem proporcionado. Cada novo dia e cada oportunidade são presentes preciosos que enriquecem minha jornada e me tornam ainda mais forte!



Evento em Comemoração ao Dia Mundial das Bibliotecas - Ano 2024
Fonte: Memória do TRT3

BEATRIZ DE PAULA SILVA
(Estagiária da Biblioteca/TRT3-MG)

Tive uma experiência incrível com o Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região. Sou estudante do curso de Biblioteconomia na UFMG e tive a grande oportunidade de fazer estágio no TRT3 durante dois anos. Minha jornada como estudante de Biblioteconomia começou durante a pandemia de COVID-19, com isso a forma de reter o conhecimento não foi 100% garantida. O ensino emergencial foi uma forma na qual a Universidade propôs uma escapatória para os alunos não ficarem tanto tempo longe dos estudos. Falo isso, porque quando voltei ao ensino presencial me senti totalmente perdida e até mesmo desconectada com o curso. Isso mudou totalmente, após ter contato com os conhecimentos teóricos na prática através do estágio.

O TRT3 me proporcionou um espaço seguro, confortável, rico em conhecimento e muito tranquilo para exercer as atividades bibliotecárias. Tive tantas experiências positivas em diversos setores da Instituição e sou muito grata por ter feito parte de um pedacinho da história de 50 anos da Biblioteca do TRT3.

Me sinto mais preparada para o mercado de trabalho e feliz por ter tido tantas oportunidades de crescimento pessoal e profissional.



Biblioteca Juiz Cândido Gomes de Freitas. Foto de usuário da Biblioteca -
Ano 2000

Fonte: Memória do TRT3

BRUNO ÁLVAREZ PEREZ ALVARENGA
(Bibliotecário/servidor municipal de BH)

Sou Bruno, bibliotecário pela UFMG e servidor da Prefeitura de Belo Horizonte. Atualmente, atuo na Secretaria Municipal de Saúde. Desde a graduação, atuei como estagiário em unidades de informação como a Biblioteca Estadual de Minas Gerais, bibliotecas escolares da regional leste de Belo Horizonte (Secretaria de Educação), na Biblioteca Desembargador Amílcar de Castro, do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais e na Biblioteca Walther Moreira Salles, na Fundação Dom Cabral.

Ao estudar para novos concursos, fico imensamente grato em ter a Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região como aliada. O espaço é de grande acolhida e as fontes de informação, de grande qualidade. Fico feliz em celebrar os 50 anos da Biblioteca, estimando votos de mais 50 prósperos anos, repletos de saber jurídico, conhecimento e cultura a fim de apoiar a prestação jurisdicional no universo do trabalho. Estar em meio às obras de referência e literatura da Biblioteca do TRT 3ª Região é uma oportunidade sempre prazerosa e instrutiva. Como profissional e estudante, penso que ter à disposição, bem no centro de Belo Horizonte, um espaço cultivado, agradável e acolhedor aos estudos é uma imensa alegria. Somada ao atendimento atencioso e à generosidade da equipe de profissionais - servidores da Biblioteca, recepção, portaria, conservação e bibliotecários - as visitas à Biblioteca possibilitam uma experiência repleta de aprendizado e cultura.

Na era digital em que vivemos na atualidade, quando a informação se encontra em circulação cada vez mais através de suportes e comportamentos virtuais, eleger o livro como objeto de pesquisa, lazer e fonte primária de informação pode representar mais do que um retorno às origens desde nossa

aquisição da linguagem e leitura, mas uma verdadeira inovação em nossos processos individuais de reflexão e atenção. Em um mundo cada vez mais acelerado, essa escolha pode ser, além de tudo, algo terapêutico e profundamente eficaz. Nesse sentido, as bibliotecas sempre serão espaços relevantes e oportunos para a aprendizagem, troca de experiências humanas, cultura e informação.

Desde a infância, a leitura sempre foi um estímulo e um deleite em minha formação. Na escola, na universidade e na atuação profissional, o espaço da biblioteca foi o refúgio que me oportunizou a passagem a outros mundos dentro deste nosso mundo. Encontrar na Biblioteca do TRT 3ª Região servidores como aliados nessa jornada, em um momento da vida em que conduzo importantes estudos, é algo pelo qual sou sempre muito grato. As fontes do Direito em seus diversos ramos sempre se encontram em abundância e variedade em meio às prateleiras da Biblioteca, de modo que sempre há ali novas dúvidas a investigar e novos conhecimentos a se adquirir. Reconhecer a importância deste espaço e valorizar seu amplo acervo jurídico, literário e cultural é sobretudo um exercício de cidadania para todos os mineiros(as) e, de modo geral, a todos os brasileiros(as). Ademais, o estudo da legislação trabalhista é privilegiado nesta unidade, a qual, sendo pertencente ao Tribunal Regional do Trabalho, fornece as ferramentas mais valiosas à instrução de magistrados, estudantes, trabalhadores e cidadãos que desejem conhecer os direitos, deveres e investigar os meandros do universo do trabalho, entre outras temáticas.

Por ocasião de seu cinquentenário, faço votos os mais sinceros e calorosos de que a instituição cresça e possa se dar a conhecer e frequentar por uma parcela maior da população, a qual tenha a oportunidade que tenho de conviver neste ambiente especial, onde se consultam os grandes autores e autoras, bem como a legislação pátria sobre o vasto universo do Direito, e se focaliza o universo do trabalho em suas múltiplas abordagens.

Ao atingir esse importante milestone em sua história, a Biblioteca comprova que é um espaço de memória e saber de expressiva relevância para a sociedade mineira, oportunizando aos servidores do Tribunal Regional do Trabalho, bem como a população externa, o acesso a obras de grande relevância social.

Em homenagem a esta importante ocasião, dou os meus parabéns a todas as bibliotecas brasileiras - públicas, privadas e comunitárias!



Projeto Solidariedade Literária é apresentado no Conselho Estadual de Criminologia e Política Criminal - Ano 2024
Fonte: Secom/TRT3

BRUNO TAUNAY GRIPP MOTA
(Bibliotecário/TRT3-MG)

Uma celebração à alegria de servir e crescer juntos

Trabalhar na Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região tem sido uma experiência enriquecedora, guiada pelo propósito de servir à Instituição, conectar pessoas ao conhecimento e contribuir para a diminuição das desigualdades, também presentes no campo do acesso à informação e à cultura. A cada consulta atendida, a cada dúvida resolvida, a cada evento de extensão, renovamos o significado do nosso trabalho. É um privilégio estar à disposição de magistrados, servidores e da população em geral, proporcionando suporte para suas atividades, fomentando a cultura e, ao mesmo tempo, aprendendo com suas demandas variadas.

A riqueza do cotidiano da Biblioteca está na diversidade das situações que enfrenta e na grandeza dos objetivos que almeja. Essa pluralidade e ambição desafiam o setor a desenvolver novas habilidades e ferramentas. As soluções vão desde o fomento à criação de uma rede nacional de bibliotecas congêneres, a Rede de Bibliotecas da Justiça do Trabalho (REBIJUTRA), até a manutenção de unidades de bibliotecas livres, que ampliam o acesso à leitura sem exigências formais, incentivando a cultura de reciprocidade. Desde o desenvolvimento de uma coleção em Braille até a criação de um mapa interativo que oferece acesso a informações sobre o direito do trabalho em todo o mundo. Cito somente esses exemplos para mostrar que, para cada necessidade, tem sido criada uma solução específica e, muitas vezes, inovadora.

É importante reafirmar o papel fundamental das pessoas nesse contexto. Desde que iniciei minha jornada na Biblioteca, em 2016, trabalhar ao lado de Márcia Lúcia Neves Pimenta, nossa coordenadora, tem sido uma honra. Seu entusiasmo e

profissionalismo são inspiradores. Márcia é mais do que uma líder, é uma visionária que não mede esforços para transformar a Biblioteca em um centro de excelência e inovação. Sob sua liderança, a Biblioteca tem aumentado sua relevância em um contexto que ultrapassa os muros do Tribunal, sempre com um olhar especial para os menos favorecidos. Isso reforça nosso compromisso com a responsabilidade social e mostra como a Justiça do Trabalho pode ser acessível e inclusiva em todas as suas áreas de atuação.

Celebrar os 50 anos da nossa Biblioteca é celebrar a história deste Tribunal, as pessoas que trabalharam por esta Biblioteca, as conexões que fomentamos e o impacto que geramos. É olhar para o futuro com a certeza de que continuaremos a crescer e a servir, inspirados pela dedicação que guia nosso trabalho. Cada ação, evento ou atendimento realizado reafirma a missão da Biblioteca de ser um ponto de referência na disseminação do conhecimento e da cultura, dentro e fora do Tribunal.

Por tudo isso, sinto-me grato por fazer parte dessa história. Gostaria de registrar um agradecimento especial a todos os colegas com quem trabalhei e, especialmente, à Márcia. Com gratidão!

CÉLIA APARECIDA CORRÊA ZENHA CALIXTO
(Servidora aposentada/TRT3-MG)

Nascida e criada em Belo Horizonte e pertencente a uma família de 10 irmãos. Meus pais sempre lutaram com muita dificuldade para sustentar tantas bocas, e a preocupação deles era que os filhos estudassem para não passar por tantas necessidades como eles, porém, sem deixar de contribuir com as tarefas de casa e serviços relacionados ao comércio de meu pai, o famoso Nonô, o Rei do Caldo de Mocotó, que conseguiu vencer na vida, sempre com muita luta, trabalho e honestidade, legado que deixou para os filhos.

Ingressei no serviço público no ano de 1982, através de Concurso Público Municipal, sendo que após 5 anos, tomei posse no Tribunal Regional do Trabalho da Terceira Região, após aprovação em Concurso Público Federal para o cargo de Auxiliar Judiciário, vindo a me aposentar em fevereiro de 2015.

Os últimos 12 anos de prestação de serviço ao TRT foram na Biblioteca Juiz Cândido Gomes de Freitas, hoje Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da Terceira Região, onde tive o prazer e a honra de deixar minha contribuição, como servidora. Lembro-me como se fosse hoje, a primeira pergunta que a Bibliotecária Márcia Lúcia Neves Pimenta me fez no dia da entrevista para preenchimento da vaga existente na Biblioteca: “Por que você optou em querer vir trabalhar na Biblioteca, após tantos anos trabalhando na área judiciária”? Minha resposta foi taxativa: após longos anos de Tribunal, e a maioria deles trabalhando em Gabinete de Desembargador, estou em busca de novos desafios e aprendizados. Sei que sou capaz de prestar bons serviços e contribuir para que a Biblioteca continue prestando serviços de qualidade aos Magistrados, servidores e usuários que buscam pelo seu acervo.

Trabalhar na Biblioteca do TRT foi realmente um desafio, mas com certeza, um desafio prazeroso em todos os sentidos. Tenho muito a agradecer à equipe com a qual trabalhei, mas especialmente à bibliotecária Márcia, pessoa espetacular, da qual me tornei amiga, sempre preocupada em desenvolver um trabalho exemplar, eficiente, aprimorando e diversificando os serviços oferecidos aos Magistrados, servidores e usuários; e, sempre atenta ao trabalho desenvolvido por sua equipe. Não posso deixar de mencionar aqui o servidor Georgino que, pacientemente, me passou o serviço que ele executava com tanto primor e confesso que ainda guardo comigo todas as anotações das diretrizes que ele me passou.

Na Biblioteca tive muitas oportunidades, a começar pelo desafio de destravar a dificuldade de atender diretamente ao público, orientando nas pesquisas, fazer a cobrança das obras que os usuários deixavam passar do prazo de devolução, não podendo deixar de destacar os cursos específicos realizados e que muito contribuíram para o desenvolvimento do meu trabalho.

Posso dizer que, como apreciadora de uma leitura, amante dos livros e frequentadora de bibliotecas desde minha infância, não poderia ter escolhido um lugar melhor para encerrar minha carreira de servidora pública. Ainda gosto de entrar em livrarias e ficar um bom tempo manuseando os livros, checando as fichas catalográficas, curtindo um saudosismo.



Lançamento da Biblioteca Digital do TRT3
 Desembargadora Deoclécia Amorelli Dias e Antônio Álvares da Silva,
 diretores e servidores das Bibliotecas Juiz Cândido Gomes de Freitas e
 Juiz Osiris Rocha - Ano 2013
 Fonte: Secom/TRT3



1º Encontro de Bibliotecas Jurídicas de Minas Gerais - Ano 2016
Fonte: Secom/TRT3

DALTON RICOY TORRES
(Servidor aposentado/TRT3-MG)

A AVENTURA DO SABER

Ler e aprender são aventuras que têm como destino o infinito. Desde muito pequeno, os meus pais sempre me ofereceram revistinhas para o incentivo à leitura. Lembro-me da grande aventura que foi ler “O Pequeno Príncipe”, “Asterix”, “As aventuras de Tintim” e outras leituras infantis.

Não sem razão, o meu irmão mais velho sempre diz: “Nossos pais nos puseram um par de viseiras e, na frente, colocaram um livro. Hoje, nós não conseguimos parar de ler nem de estudar”. É verdade. Na nossa casa, havia e ainda há uma pequena biblioteca. Dela, a minha mãe sacava um livro e lia para nós pegarmos no sono. Dizem que aprendemos, com os nossos pais, muito mais com o seu comportamento do que com as suas lições e ensinamentos. Recordo-me do quanto a minha mãe se divertia lendo “Cem Anos de Solidão” de García Márquez e “O Pobre de Deus”, de Nikos Kazantzakis. Os meus pais leram também uma infinidade de livros; dos quais eu nem me lembro.

O mais importante é que a aventura dos livros é uma aventura do saber. É uma jornada rumo ao infinito por toda a eternidade. Cada autor nos proporciona a possibilidade de entrar numa expedição, como um bandeirante brasileiro, em direção às “Minas Gerais” de um tesouro que é o conhecimento.

Neste escopo, as bibliotecas são um universo paralelo onde se entra e onde se descortina um mundo de conhecimentos diversos. Sim! Uma biblioteca, mesmo uma simples e generalista biblioteca de escola, nos leva ao conhecimento. Quantas pesquisas da professora puderam ser desenvolvidas a partir das bibliotecas da escola. E os bibliotecários? Estes sempre prestativos que nos ajudavam na pesquisa com ideias e sugestões.

Se os livros nos levam pelas sendas do saber, eu tive a grande oportunidade de, na minha trajetória, no TRT, encontrar-me

numa trilha que tornou possível ajudar outras pessoas a acharem o caminho desse saber. Saber que muitas pessoas, com o meu pequeno aporte, estavam desbravando esse bosque da sapiência, é uma experiência enriquecedora inclusive no lado pessoal.

Conviver com os colegas e os chefes, com quem eu partilhei esses momentos, foi também jornada profícua. Cada colega e cada chefe, com as suas vicissitudes, ensinaram-me a buscar ser um ser humano melhor. Quantos momentos partilhamos juntos? Conviver com pessoas que, como eu, também tinham esse mesmo objetivo foi instigante e benéfico. Citar cada colega e cada chefe, mereceria um novo texto, para cada um deles.

Trabalhar numa biblioteca jurídica, como a nossa Biblioteca, foi, para mim, um trabalho edificante e construtivo. Poder, a cada dia e a cada momento, ler o que há de mais moderno dentro do mundo do Direito foi muito bom. Na Biblioteca, estávamos a par das mudanças e da forma de analisar dos juriconsultos em tempo real.

Gostaria de ressaltar a importância da Biblioteca estar proporcionando aos “estagiários” a possibilidade de participar desse mundo. Quisera eu, nos meus tempos de estagiário de Direito, poder ter um estágio assim. Nós sabemos que, na maioria das vezes, os estagiários trabalham em escritórios em que nada mais é do que aquilo que chamamos no jargão dos estudantes: “boy de luxo”. Nesses escritórios, eles apenas levam processos do Fórum para o escritório e vice-versa. Na Biblioteca, ao contrário, eles estão imersos no mundo jurídico.

Hoje afastado da Biblioteca, para trilhar novos rumos da vida, sinto-me ainda muito vinculado a ela por laços de afinidade profundos. Quando posso, vou à Biblioteca para rever não só antigos colegas e chefes, mas perenes amigos.

Posso dizer que, com toda essa vivência com os livros e com as bibliotecas, a expedição ao mundo dos livros é uma viagem sem volta. O mundo do saber que ela nos traz conduz-nos a uma escravatura sem alforria. Os livros nos acorrentam, nos amarram, nos prendem de uma maneira tal que não haverá Lei Áurea que nos liberte. *Afinal, quem quer se libertar do saber?*

DENISE MARIA RIBEIRO MOREIRA

(Bibliotecária do Tribunal de Justiça de Minas Gerais - TJMG)

Nascida e criada em Belo Horizonte, meu contato com a leitura se deu através de revistas na banca de jornais do meu pai. Meu hábito era ler títulos da Turma da Mônica, Luluzinha, Bolinha e tantos outros. Calvin e Hobbes sempre foi e será o meu preferido!

Adolescente, ajudei uma professora a cuidar de um Clube do Livro na escola. Foi quando li todos os títulos da série Para Gostar de Ler. Mais tarde, escolher fazer o curso de Biblioteconomia na UFMG foi natural. Formada, trabalhei na própria Universidade e, desde 1997, sou bibliotecária do TJMG.

Com a Biblioteca do TRT - 3ª Região, o contato se deu de forma profissional. Sempre foi uma referência com seu acervo. Lembro-me de que, quando a adentrei pela primeira vez (ainda no prédio da Av. Getúlio Vargas), fui impactada pela beleza de seu espaço, com suas estantes de madeira e espaço arejado. A qualidade do acervo, a organização e a dedicação da equipe sempre foram fundamentais para a promoção do acesso à informação jurídica especializada.

Hoje, parabenizo a todos os que trabalham na Biblioteca do TRT - 3ª Região, na pessoa da bibliotecária Márcia Lúcia Neves Pimenta, uma colega competente e parceira. Vale reconhecer também a importância da campanha de doação de livros literários a instituições que atendem grupos vulneráveis. Uma campanha que, certamente, contribui para o desenvolvimento do hábito de leitura aos que recebem esses livros. Viva a Biblioteca do TRT - 3ª Região!



Escola Judicial lança Guia das Bibliotecas Jurídicas de Minas Gerais -
Ano 2024

Fonte: Secom/TRT3

FERNANDO BRESCIA DOS REIS
(Secretário da Escola Judicial/TRT3-MG)

Filho de uma dona de casa e de um auxiliar administrativo, nasci em Belo Horizonte em meados de 1979. Tenho dois irmãos mais novos e sempre estudamos juntos, principalmente nas escolas em que minha mãe trabalhava, após ter se formado no antigo curso de Magistério. Vivi na capital até que passei no concurso para o TRT em 2005, sendo lotado no sul de Minas. Entre indas e vindas em outros órgãos públicos, como a Receita Federal e a Defensoria Pública da União, retornei ao TRT e à capital em 2011. Sou casado há 10 anos e participo de um grupo de canto coral, além de praticar vôlei, desde a juventude.

Apesar das dificuldades da minha família em ter acesso a livros, minha mãe sempre prezou pela leitura, e nos ajudou a adquirir - eu e meus irmãos - o gosto pela literatura desde tenra idade, quando nos contava histórias ao anoitecer.

Aprendi a ler aos seis anos de idade, porque tinha uma gana de entender aquelas letras - nas revistinhas em quadrinho e livros - que contavam tantas estórias fantásticas, emocionantes e tão cheias de lição. Aliás, “por sorte” (na verdade, competência e compromisso humanista dos professores que tive), sempre havia espaço para produção de texto em sala de aula, e também idas aos pequenos espaços de leitura nas escolinhas em que estudei.

O amor pela fantasia, aventura, folclore e ficção científica foram aumentando à medida em que crescia, pois chegava a trocar as brincadeiras na hora do recreio, até a antiga 4ª série, para ir à biblioteca ler contos de fadas e outras histórias infantis, como o dos Irmãos Grimm, Esopo e Monteiro Lobato. Como esquecer, também, de obras tão significativas para uma geração, como “O cachorrinho Samba” e “Bonequinha Preta”.

Já na pré-adolescência, com minha mãe já formada no curso de Magistério, consegui bolsas de estudo em escolas

particulares e lá me esbaldei com obras de outras áreas além da literatura. Junto à Coleção Vaga-Lume e dos livros de Pedro Bandeira (alguém aí se lembra de “As Aventuras de Xisto” e “A Droga da Obediência”), passei a me interessar também por história geral: do Brasil, filosofia, relações internacionais e política (era a época dos “cara-pintadas”).

Na graduação, aliei o prazer da leitura com o Direito, em que me formei, buscando entender não apenas o sistema jurídico em si, mas suas relações com a sociedade, a política, a filosofia e a economia. A Biblioteca da Faculdade, apesar dos livros antigos e desatualizados, era um espaço em que “respirava” conhecimento e sabedoria de tantos que pensaram - décadas ou séculos antes - um mundo mais igualitário, justo e solidário.

Apesar de não frequentar livrarias até aquela época (o preço dos livros nunca foi acessível a maior parte de nosso povo), frequentei por longos anos a Biblioteca Pública da Praça da Liberdade. Trata-se de um espaço que respira cultura, apesar de um tanto invisibilizado nos dias atuais. De fato, o telefone celular vem tomando - cada dia mais - espaço e tempo de mentes e corações, deixando-nos mais insensíveis e desinteressados para experimentar o prazer da leitura.

Considero poucos os espaços de leitura na capital, sendo que os existentes (principalmente nas escolas públicas municipais e estaduais) não são tão bem cuidados e nem atrativos, a ponto de disputar a atenção de nossas crianças, adolescentes e jovens vidrados nas redes sociais e jogos virtuais viciantes.

É uma pena, considerando que, através do livro, não só viajamos a outros países e épocas, e conhecemos outras culturas, mas também refletimos e nos emocionamos com histórias de vida, luta, renúncia, coragem, solidariedade e respeito.

Penso que é no espaço da Biblioteca, e de posse de um livro, que nos permitimos desvencilhar do peso das responsabilidades diárias e da crueza deste mundo atual, tão marcado pelo descaso, preconceito, violência e ódio institucionalizado, seja na sociedade brasileira, seja nas relações entre os países.

Por isso, ao visitar a Biblioteca do TRT em um prédio histórico (cheio de lembranças de uma jovem Belo Horizonte respirando modernidade e esperança), lembro-me porque sempre amei os livros: é que nos transportam a uma experiência (ou mesmo uma realidade utópica), de criatividade, alegria, sensibilidade, aventura, companheirismo, reflexão, amizade e felicidade.

E é através dos sonhos em um romance, da vida pulsante em um conto, da reflexão em um ensaio, da notícia em uma reportagem, da reflexão em uma crítica jurídica, da tomada de consciência em uma obra filosófica, que construímos e expandimos o nosso conhecimento e sensibilidade, fazendo-nos mais humanos.

Afinal, é essa tomada de consciência e autodescoberta (“conhece-te a ti mesmo”, como diria Sócrates) o instrumental indispensável a quem não quer se converter em uma máquina fria e insensível, ou se tornar refém dos algoritmos das redes ou da própria inteligência artificial.

Enxergar-se ser humano, assim como os iluministas vem defendendo desde a Idade Moderna, é o que nos faz perceber que praticamente todos nós, sem distinção de cor, sexo, gênero, origem social, instrução formal, orientação sexual ou renda, desejamos - mais que tudo - respeito, fraternidade e paz.

E se é isso que temos em comum - a condição inata de dignidade e o direito de nascermos e vivermos de modo digno - um salve aos Livros! Pois são eles que nos permitem enxergar como seres humanos interdependentes, somente verdadeira e completamente felizes quando nós percebermos irmãos de uma mesma e única família humana.



Prêmio CNJ de Bibliografia - 80 anos da Justiça do Trabalho - Ano 2023
Fonte: Memória do TRT3

GEORGINO MARTINS FAGUNDES JÚNIOR
(Secretário do Foro de Poços de Caldas/TRT3-MG)

Natural de Belo Horizonte, residindo atualmente em Poços de Caldas, sul de Minas. Nasci e cresci na capital mineira, no tradicional bairro Prado.

Quando criança, gostava muito de ler. E tive muita sorte, porque meu pai sempre comprava muitos livros e coleções. Muitas vezes ele lia comigo, incentivando-me e corrigindo meus erros de pronúncia. Explorava a DELTA JÚNIOR, BARSÁ e o Reino Infantil, com suas fábulas e contos que me encantavam, fazendo-me viajar a um reino fantástico: “As Mil e Uma Noites”, “O Patinho Feio”, “Ali Babá”. E aí, naturalmente, passei a ter um gosto especial pela escrita e literatura. Já nos meus primeiros anos de escola, éramos incentivados a ler bastante. “As Mais Belas Poesias” era lido em todas as séries, o que me fez ingressar no reino maravilhoso da poesia: a beleza, a sensibilidade e o talento nas rimas das poesias de Cecília Meireles, Olavo Bilac, Menotti del Picchia, Henriqueta Lisboa e tantos outros poetas talentosos. A professora nos incentivava a declamar poesias, e todos na sala de aula participavam, lendo em voz alta! A sala de aula exalava musicalidade nas deliciosas rimas daqueles poemas cheios de arte! E tínhamos que fazer muitas redações também, o que me fez aperfeiçoar minha escrita. Fui crescendo assim, tendo muita familiaridade com livros, bibliotecas e língua portuguesa.

Na adolescência eu passei a frequentar a Biblioteca Pública Luiz de Bessa, na linda Praça da Liberdade. Lá perto tinha o ICBEU (Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos), onde eu pegava letras de música em inglês, o que despertou meu interesse por essa língua estrangeira, pois muitas músicas eram verdadeiras rimas poéticas. Frequentei alguns cursos de inglês, o que me habilitou a ler obras e textos nessa língua. E no próprio ICBEU havia uma biblioteca onde podíamos frequentar e explorar diversos artigos e livros científicos e literários.

Em 1991 ingressei no TRT/MG, já cursando a Faculdade de Letras da UFMG. E, já no início da minha jornada nessa instituição, conheci sua biblioteca, passando a utilizar seus serviços de empréstimo e consulta. E, após anos atendendo o público na 8ª Vara do Trabalho, em agosto de 2001 passei a atender um novo público, num novo ambiente: a Biblioteca do TRT/MG, ainda situada no térreo do prédio da Av. Getúlio Vargas. Foi um período muito enriquecedor, no qual passei a ter um grande interesse pelo processo de catalogação e classificação dos livros, além de ter o privilégio de atender meus colegas servidores e estudantes que buscavam o local a fim de ampliarem seus conhecimentos jurídicos. Recebendo um grande incentivo da coordenadora da biblioteca, a querida amiga Márcia Lúcia Neves Pimenta, resolvi fazer a Faculdade de Biblioteconomia da UFMG, surpreendendo-me pela grande riqueza e possibilidades que o curso oferecia.

No início de 2005 fui transferido para Poços de Caldas. De lá pra cá, sempre que tenho a possibilidade de estar em Belo Horizonte, não posso deixar de visitar nossa biblioteca, para matar a saudade dos velhos amigos e me empolgar com as constantes inovações do setor, sempre visando ao melhor atendimento do público interno e externo.

GUSTAVO ADOLFO DE PAULA ALONSO DO CARMO
(Servidor da Secretaria de Suporte e Atendimento/TRT3-MG)

A Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região completa 50 anos em 2025 e há muito o que se comemorar.

Minha relação com ela como usuário é inconstante, mas sempre proveitosa. Nos momentos em que necessitei, encontrei ali o material de que precisava, além de contar sempre com o auxílio dos profissionais que lá trabalham. Como um dos responsáveis pelo suporte e atendimento aos usuários dos serviços de microinformática do prédio da Rua dos Guaicurus e da Rua da Bahia, onde, atualmente, está localizada nossa Biblioteca, sou testemunha do comprometimento e do esforço dos colegas servidores e estagiários da seção, que se empenham para que aquele espaço seja um lugar de aprendizagem, de acesso ao conhecimento e de circulação de informações.

Essa celebração fez-me revisitar, em memórias e lembranças, outras bibliotecas por onde andei ao longo da vida. Foram poucas, mas todas carregavam, cada uma a seu modo, a missão louvável de serem meios de aprimoramento intelectual e de construção de saberes. Por muito tempo, subestimei a importância dessas casas abertas com seus livros.

Quando nasci, em uma cidade chamada Corinto, localizada no Centro do estado de Minas Gerais, deram-me o nome Gustavo Adolfo de Paula Alonso do Carmo. Sou o quarto dos sete filhos de Mercedes Antônia de Paula Alonso do Carmo, professora, pedagoga e administradora escolar aposentada, e de Adírson Alonso do Carmo, ferroviário aposentado. Na casa em que vivi até os 24 anos, havia livros desde não sei quando. Estavam lá antes de eu chegar e muitos deles permanecem enfileirados em seis estantes de aço. Por esforço de minha mãe, a casa conta com uma biblioteca modesta com livros, revistas, almanaques, dicionários e outros materiais de consulta. Embora estivessem ali acessíveis, eles eram

pouco manipulados pelos moradores da casa e eram usados para atender demandas específicas de nossas vidas escolares. As duas enciclopédias e os almanaques foram fontes de pesquisas escolares nossas e de nossos colegas. Atentei-me, tardiamente, para o fato de que a existência daqueles livros e daquela biblioteca em nossa casa não era algo comum nas casas de outras famílias de trabalhadores ferroviários e de professores. Um de meus irmãos, certa vez, contou-me que um colega seu, frequentador de nossa casa por amizade disse-lhe: *“a casa suas é legal demais. Cada um fazendo uma coisa, um tocando seu violão, outro lendo suas coisas lá, vendo televisão... Aquele tanto de livros, vocês devem ter lido muitos, né?”* Não. Não líamos muito, embora fosse bom que o fizéssemos. Faltaram-nos, talvez, tempo e disposição para consolidar o hábito de leitura de modo mais constante e consistente.

O meu primeiro contato com livros deu-se, então, em casa. Havia lá, coleções de contos infantis composta de livros ilustrados e pequenos discos coloridos - verde, vermelho, azul, amarelo, rosa - em que as histórias eram narradas. Os disquinhos e os livros já capturavam nossa atenção pelo apelo aos sentidos que faziam com suas cores, músicas e textura. Afetavam-nos visão, audição e tato, e era sempre alegre ouvir as estorinhas repetidas vezes.

Crescidos, meus irmãos e eu, usamos os livros da biblioteca e os compartilhamos com nossos colegas na medida do possível. Ninguém ousou, por exemplo, esmiuçar um dos volumes da coleção completa de Dostoiévski que ainda repousa em uma das prateleiras. Aliás, eu tentei mais de uma vez aos 17 anos. Lia no ônibus a caminho da faculdade na cidade vizinha. Começava, recomeçava e me via perdido com os nomes dos personagens do autor russo. Só mais tarde, vim a ler uma dessas obras e maravilhei-me de tudo.

Meus irmãos e eu, filhos de um ferroviário e de uma professora, encontramos já pronto um acervo valioso pelo seu conteúdo material e simbólico. Tivemos esse pequeno privilégio e desfrutamos dele menos do que poderíamos. Essa foi a primeira

biblioteca a que tive acesso e outras vieram com o tempo. Busquei saber como aqueles livros chegaram ali e surpreendi-me com muitas histórias, que não caberiam aqui.

As outras bibliotecas por onde perambulei também deixaram suas marcas em mim e, nelas, tive acesso a obras e conhecimento que não me seriam alcançáveis em outro lugar. Na ordem cronológica, registro:

- Biblioteca do Centro de Formação Profissional de Corinto, onde fui aluno aprendiz de metalurgia ferroviária. Era simples, pouco cuidada e pouco usada;
- Biblioteca pública municipal de Corinto;
- Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Letras de Curvelo, onde cursei Licenciatura em Letras;
- Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, onde cursei bacharelado em Ciências Sociais;
- Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais;
- Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais;
- Biblioteca pública estadual de Minas Gerais;
- Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região.

Finalizo, fazendo uma louvação a esses lugares e pessoas que cumprem um papel indispensável para a produção, circulação e difusão da informação e do conhecimento. Torço para ver esses espaços de interação e de trocas povoados de gente em busca de exercitar a imaginação e a capacidade de ler a si mesma e as coisas do mundo.



Reunião do Grupo de Informação e Documentação Jurídica de Minas Gerais, com o Desembargador aposentado Dr. Dácio Guimarães de Andrade e servidores da Biblioteca do TRT3 - Ano 2001
Fonte: Memória do TRT3

HELEN DROSGHIC MELO ARAÚJO
(Estagiária de Direito/TRT3-MG)

Tenho 25 anos e atualmente sou estudante do curso de Direito na Faculdade Arnaldo Janssen. Fui estagiária acadêmica do curso de Direito na Seção de Biblioteca da Escola Judicial do TRT 3ª Região. Sou natural de Belo Horizonte - MG e sempre morei na capital mineira.

Estudei no Jardim de Infância Risque e Rabisque (depois o nome foi trocado para Trenzinho do Saber) e, do ensino fundamental ao médio, estudei no Colégio Maximus. Quando pequena sempre tive muito contato com a leitura e minha mãe sempre me incentivou a ler livros e me interessar pela atividade, ela lia para mim após chegar do trabalho e, assim que eu tive a plena capacidade de ler, minha mãe me presenteou com meu primeiro livro “O Pequeno Príncipe” do autor Antoine de Saint-Exupéry. Minha avó materna gostava de contar várias histórias e aprendi também no jardim de infância muito sobre o folclore brasileiro.

Em todas instituições de ensino que já frequentei existiam bibliotecas e, sempre que possível, incentivavam as crianças a pegar livros, revistas e gibis emprestados. Quando eu ainda estava no jardim de infância eu me interessava muito em ler os gibis da Turma da Mônica e, até no ensino fundamental, por vários anos, continuei a ler e me interessar por gibis e quadrinhos. Já no ensino médio, tive acesso a matéria de “Literatura” e aprendi sobre poemas, poesias, contos e clássicos da literatura. E até hoje os livros que mais me marcaram foram o Médico e o Monstro de Robert Louis Stevenson e “O Alienista” do Machado de Assis.

Como eu gostava e me interessava por literatura, eu e meus colegas de classe demos a ideia ao professor de montar uma oficina literária para frequentarmos. A Oficina foi criada e participei dela até minha formatura. Nessa oficina éramos incentivados a escrever nossos próprios contos e poemas e isso me fez criar um

grande amor pela literatura clássica. No meu horário de lazer eu costumava acompanhar *influencers* de leitura, os chamados *Booktubers* (pessoas que dão feedback e opiniões sobre os livros que leem) e, por causa disso, comecei pelo instagram, por um breve momento, minha própria página de *review* de livros que eu lia (durou pouco pois por causa das provas e do ENEM não tive mais tempo de sobra).

Fora do ambiente escolar não tive muito contato com bibliotecas, sequer me lembro de haver alguma perto da minha casa ou perto do trabalho de minha mãe (local em que eu passava boa parte do meu tempo), até recentemente eu apenas sabia da existência da biblioteca pública localizada na Praça da Liberdade. Fui ter um maior conhecimento sobre existência de outras bibliotecas quando fui trabalhar na Biblioteca do TRT, minha ex-chefe Márcia Lúcia Neves Pimenta, sempre esteve disposta a iniciar programas em que pudéssemos unir todas as bibliotecas de Belo Horizonte para eventos e programações em que trouxesse mais visibilidade para esses lugares. A estagiária Beatriz, de Biblioteconomia que trabalhava comigo na época, também me falou sobre a existência de outros espaços culturais dos quais eu não havia ouvido falar, o que foi de grande ajuda para melhorar minha inserção e conhecimento sobre os espaços.

Como Estagiária de Direito, por mais que o foco não fosse sobre a leitura de livros, todos os servidores ao meu redor sempre me influenciavam a voltar a ler como eu fazia na minha adolescência e, também, tive mais oportunidades pois na Biblioteca do TRT3 além do acervo específico para o Direito do Trabalho tem-se uma área reservada para livros denominados de “Cultura e Lazer” aos quais eu pude ter livre acesso e aos poucos pude voltar a ler por prazer. Alegrou-me trabalhar no ambiente pois todos compartilhavam a paixão pela cultura literária e sempre lembravam a todos, tanto servidores e trabalhadores da área, quanto ao público externo, o quão importante é o acesso livre à leitura, à pesquisa, à cultura. Conhecimento nunca é demais e, quando chegavam novas pessoas para conhecerem a biblioteca, elas sempre se espantavam

com o tamanho do acervo, o cuidado com o material histórico e a facilidade de acesso livre ao público externo. Os espaços de leitura tanto individual quanto de grupo eram adequados para que as pessoas pudessem aproveitar a imersão para realização de pesquisas e trabalhos acadêmicos. O ambiente era silencioso e, ao mesmo tempo, alegre e harmonioso, igual citado anteriormente todos eram apaixonados pela leitura e pelos livros, respeitavam-se e compartilhavam de novas ideias e projetos para impulsionar o público a frequentar a biblioteca e aproveitar de tudo que a mesma tinha a oferecer. Sem dúvida foi o melhor lugar que já trabalhei e sempre levarei na minha lembrança o carinho com que fui tratada por todos os servidores ali presentes.

Meu especial agradecimento à Márcia, Bruno, Wesley, Guilherme, Túlio, Sandro, Cida, Beatriz e Vera. Sinto saudades e fiquei honrada de poder participar desta homenagem.



II Encontro de Bibliotecários de Bibliotecas Jurídicas de Minas Gerais, com a Juíza Maria Raquel Ferraz Zagari Valentim - Ano 2017

Fonte: Secom/TRT3

KARIN GÄBEL

(Servidora da Diretoria de Administração/TRT3-MG)

Tive a honra de trabalhar na Biblioteca do TRT-MG de 2011 a 2021, sob a coordenação da Márcia Lúcia Neves Pimenta e com a parceria de tantos colegas.

Fiquei fascinada pelo mundo da biblioteconomia, tomando conhecimento da ciência da catalogação e disponibilização de obras. Foi gratificante aprender e lidar com a seriedade dos bastidores de uma biblioteca!

O convívio com a equipe foi rico e mantenho no coração ótimos registros!

Guardo com alegria a lembrança de ter tido a inspiração para o nome de um dos projetos mais notórios da Biblioteca: o Solidariedade Literária, que a cada ano impacta a vida de tantas pessoas em necessidade, dando-lhes o acesso a livros de literatura.

Sou muito grata pelos anos de trabalho e convívio na Biblioteca!



Confraternização de servidores da Biblioteca do TRT3 - Ano 2019
Fonte: Memória do TRT3



Recepção dos Colaboradores e assistidos do Cersam e do Caps -
Ano 2024
Fonte: Memória do TRT3

KASSANDRA CLATWORTHY

(Bibliotecária do Tribunal Superior do Trabalho - TST)

Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília, com Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás e Especialização em Processo Legislativo pela Universidade Cruzeiro do Sul. Coordenadora de Documentação do Tribunal Superior do Trabalho e membro integrante da Coordenação da Rede Rebijutra.

As bibliotecas sempre representaram em minha história pessoal um espaço de aprendizagem contínua. Mas, muito mais que isso, bibliotecas são um universo comunitário de acesso à informação, um espaço criativo democrático. Um centro comum de pensamento, de desenvolvimento pessoal.

Cresci habituada a circular entre as estantes da biblioteca escolar pública de minha cidade com os braços carregados de livros literários, mergulhada em outros mundos fantásticos e maravilhosos. Muitos anos se passaram antes que se tornasse um espaço de realização profissional. Mas as bibliotecas continuaram, bravamente, a ser espaços de liberdade, de educação, de conhecimento, atendendo a uma de suas funções primordiais que é a democratização do acesso à informação. Fornecendo as condições básicas para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.

O acesso público à informação permite que as pessoas possam tomar decisões conscientes que podem melhorar suas vidas. E as bibliotecas são instituições fundamentais para alcançar esses objetivos.

Bibliotecas constituem um instrumento importante na busca da cidadania, no sentido de possibilitar ao cidadão a escolha de que conteúdo aprofundar os seus conhecimentos, refletir sobre o seu contexto social e compreender o universo a sua volta, desenvolvendo suas competências informacionais.

Afinal, bibliotecas são espaços de expressão social criativo e servem a pessoas e a propósitos com infinitas possibilidades.

Parabenizo a Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região - Escola Judicial por seus 50 anos de auspiciosa e profícua história, sendo não apenas um espaço de deliberação institucional, mas, sobretudo, um espaço de reflexão intelectual e de diálogo com a sociedade.

LUCIANA CARVALHO RODRIGUES

(Juíza/TRT3-MG)

Biblioteca do TRT3 - um caso de amor e gratidão

Sempre amei os livros. Desde pequena passava horas lendo, dando corpo e voz aos personagens e imaginando os diversos cenários descritos. Os livros me ensinaram a sonhar, a questionar e a ampliar meus horizontes a partir das histórias neles contidas. Por meio deles fui Emília, Sofia, Rapunzel, Bonequinha Preta, Atíria, Isis e tantas outras personagens. Mais tarde, os livros também se tornaram companheiros de horas solitárias e molas propulsoras para alcançar objetivos e realizar grandes mudanças. E para quem ama livros, nenhum lugar é mais sagrado que uma biblioteca. Lá estão, ao alcance das mãos, aventura, romance, poesia, história, cultura e saber.

Frequento bibliotecas desde pequena. Quando criança e adolescente, era sempre em uma delas que realizava pesquisas na “Enciclopédia Barsa” e fazia empréstimos dos mais diversos livros de literatura infantojuvenil. Mais tarde, já na faculdade, passava longos períodos na biblioteca da Casa de Afonso Pena estudando para as provas nos manuais e livros que não podia adquirir. Era tão bom caminhar por entre as estantes, descobrindo o universo do Direito e sonhado com o futuro ainda incerto e cheio de possibilidades...

Para a minha alegria, o meu primeiro estágio remunerado foi na biblioteca de um órgão público, onde auxiliava os frequentadores em pesquisas no Diário Oficial. Torcia para que todas as pesquisas fossem feitas no início do expediente, sobrando tempo livre para a leitura dos tantos e interessantes livros pertencentes ao acervo. Nunca li tanto! Esse período foi também de grande aprendizado sobre a importância das bibliotecas, da biblioteconomia e da arte da organização e da catalogação do conhecimento registrado em documentos e livros.

Mas nenhuma biblioteca foi (e continua sendo) mais importante em minha vida do que a Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região. Na era analógica, sem computador e sem internet, era lá que pesquisava as coleções da Revista dos Tribunais, da LTr, da IOB e do Dicionário de Decisões Trabalhistas, em busca de jurisprudências para auxiliar na elaboração de iniciais, contestações e recursos para o escritório em que fui estagiária e depois advogada.

Nela também enfrentei o desafio de estudar para o concurso da magistratura. A Biblioteca do TRT3, até então localizada na Avenida Getúlio Vargas, se tornou meu segundo lar. Passava boas horas por dia entre livros, resumos, lápis e canetas. O ambiente, tranquilo e silencioso, propiciava a concentração necessária para manter o foco e a disciplina. Lá estavam sempre os melhores e mais recentes livros, revistas e periódicos. Além disso, se estivesse em um dia de sorte, poderia cruzar com alguns dos autores das inúmeras obras de seu acervo, contando sempre com o sorriso, o carinho e a atenção de todas e todos que lá trabalhavam. Ao fechar os olhos e me lembrar dos anos dedicados aos estudos, sinto a paz e tranquilidade daquele ambiente, a energia que me impulsionava e a certeza de que todo o conhecimento de que necessitava estava ali.

E foi com muito orgulho que, já aprovada no concurso, continuei frequentando aquele espaço tão familiar. O acervo de nossa biblioteca é rico e diversificado, contendo obras raras e também atualíssimas.

Com a transferência para o Q20, a correria do dia a dia e as facilidades da era digital, nossa relação está se reinventando, mas os laços que nos unem seguem mais firmes do que nunca. Sei que a Biblioteca do TRT3 continua a ser um espaço de acolhimento, inspiração e transformação para todos que a frequentam e guardo por ela imensa gratidão. Hoje a biblioteca recebe, além de servidores e magistrados, alunos de escolas públicas e a comunidade em geral, realizando um lindo e relevante trabalho social. Em tempos de IA e *fake news* o papel da Biblioteca do TRT3 é cada vez mais relevante, guardando com cuidado o passado, apresentando o presente em suas múltiplas facetas e indicando o caminho do futuro.

É se o acervo é o corpo da biblioteca, os que nela trabalham são seu espírito e revelam sua importância para a instituição. O espírito da nossa biblioteca, liderada pela querida e competente Márcia Lúcia Neves Pimenta, é de alegria, gentileza, sabedoria, dedicação e solidariedade, tendo sempre muito a oferecer a todos nós.

Que as futuras gerações também possam desfrutar desse tesouro! Parabéns pelos 50 anos de história!



Juíza Luciana Carvalho Rodrigues recebe, no Projeto Justiça e Cidadania do Centro de Memória do TRT3, os alunos do Colégio Balão Vermelho de Belo Horizonte - Ano 2024
Fonte: Secom/TRT3



2ª Edição do Clube do Livro da Biblioteca sobre a obra “Diário de Anne Frank” com a presença dos alunos da Escola Estadual Padre João de Mattos Almeida de Belo Horizonte e servidores do TRT3/MG - Ano 2025
Fonte: Secom/TRT3

LUCIANA XAVIER PASSEADO

(Psicóloga/TRT3-MG)

Sou carioca e aos 18 anos fiz o caminho inverso do meu pai que deixou as montanhas em direção ao mar, para vir morar em Belo Horizonte. Da minha mãe herdei duas manias encantadoras - os livros e a fotografia, registros de imagens e palavras para ajudar a viver o real dos dias. À noite, ela nos adormecia com a mesma fábula, repetida à força de nossa insistência, *convencida* que seria a última vez. Já meu pai se divertia ao recontar os clássicos subvertendo os papéis dos personagens: assim a chapeuzinha virava “aquela menina chata” e o lobo mau, um pobre coitado nas mãos dela... e a confusão estava feita!

Minha primeira escola se chamava “Soldadinho de Chumbo”, onde me alfabetizei no pré-rosa (cada série ganhava o nome da cor da sala). Aos cinco anos, começou a transformação alquímica de letras, sílabas e palavras e em frases e pequenos textos. Mas não foram os livros indicados pela escola da série Vagalume que me deram à luz como ávida leitora e, sim, a literatura de Clarice Lispector por volta dos meus 14 anos. Havia algo ali tão angustiado e transcendente ao mesmo tempo, que me ajudava a dar nome para o que eu sentia e me ultrapassava em plena crise da adolescência. Um pouco mais tarde, em longo repouso por causa de uma séria luxação no tornozelo, caminhei pelas obras completas de Machado de Assis em capa dura, verde e dourada, que encontrei casualmente na estante de minha tia. Ele me mostrou que escrever podia ser um jeito de existir no mundo e estar na intimidade de quem nem conhecemos.

Na vida adulta, foi a Biblioteca Pública do Estado de Minas Gerais na Praça de sugestivo nome “Liberdade”, que me ajudou a completar a lista de livros do edital para o cargo de Psicóloga no concurso do Tribunal Regional do Trabalho de Minas Gerais. A escolha pela Psicologia no elenco das opções de vestibular que

incluía Jornalismo e Letras, além de Filosofia e Teatro, me trouxe essa possibilidade de continuar ligada às histórias de vida das pessoas e condensou de alguma forma todas as outras. Até a metade do curso, não saía da estante de literatura na biblioteca da faculdade. Afinal, médicos como Freud e Jung, que se aventuraram pela psiquê humana, e ajudaram a construir os primórdios da Psicologia, se valeram dos romances, mitos, fábulas e de autores consagrados como Goethe, Shakespeare, Edgar Allan Poe, Dostoiévski, entre inúmeros outros, para conceber suas teorias sobre as ciências da alma.

Amo livrarias, participar de lançamentos de livros, clubes de leitura e quando vejo alguém lendo um livro perto de mim não descanso até descobrir o nome. Ano passado fui à Flip em Paraty - uma experiência maravilhosa descobrir outros autores e autoras, estar perto daqueles e daquelas que já admirava. Entristeço-me quando as editoras e livrarias se fecham, essas casas de livro, e para mim que me sinto *gente de casa*, é como se fechassem a porta para uma amiga de longa data. Assim aconteceu com a Livraria Travessa na Savassi (quem se recorda das tardes com música no quarteirão fechado?), a FNAC no BH Shopping e a Saraiva no Diamond. Mas a ocasião não é de tristeza, nem tudo está perdido, e ainda temos motivos para comemorarmos; dentre eles, essa senhora que chega a meio século na flor de sua idade - afinal, cada idade tem a sua, como dizia Mário Quintana – a nossa Biblioteca do Tribunal! Desde seu primeiro endereço no prédio da Rua Curitiba, passando pelo saguão do prédio anexo da Av. Getúlio Vargas, busquei nela referências e conteúdos para os cursos que ministrava e acompanho até os dias de hoje, agora instalada próxima à histórica Praça da Estação, no número 112 da Rua da Bahia. Ela, que abriga tantos projetos relevantes, abriu suas portas para levar solidariedade nos livros doados em campanha, para instituições que atendem aos mais vulneráveis, como as pessoas privadas de liberdade. Assim, é o Projeto Solidariedade Literária do qual participo há seis anos, junto com servidores e magistrados que se solidarizam nas músicas que tocam e no conhecimento que compartilham, em cada visita

para a entrega dos livros arrecadados. O tema da minha fala nessas oportunidades - *Cada vida é um livro: quem escreve a sua história?! -* busca suscitar a dimensão autoral e protagonista de nossas vidas tão bem expressa nas palavras de Viktor Frankl, também médico, e fundador da Logoterapia: “Escrever um livro não é uma grande coisa, saber viver é muito mais e ainda mais é escrever um livro que ensine a viver. Mas o máximo é viver uma vida sobre a qual se possa escrever um livro”. E assim, ajudando os viventes autores a lerem suas próprias vidas, possam dizer com o poeta itabirano: *E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusóé.*

Agradeço profundamente à servidora Márcia Lúcia Neves Pimenta, coordenadora da Biblioteca, por ser parte indelével da história da Biblioteca, do Tribunal e por fazer mais bonitas tantas outras histórias, usando livros.



9ª Edição do Solidariedade Literária
Doação de livros ao Centro de Referência à Gestante Privada de
Liberdade (CRGPL), em Vespasiano/MG - Ano 2024
Fonte: Secom/TRT3



MÁRCIA LÚCIA NEVES PIMENTA

(Bibliotecária-Chefe/TRT3-MG)

Sou bibliotecária do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região desde 1996 e natural de Belo Horizonte-MG.

Minha paixão pelos livros surgiu na infância, com leituras marcantes como *A Bonequinha Preta*, *Barquinho Amarelo* e *Bonequinho Doce*. Cresci em uma família numerosa, com 11 irmãos, também leitores. Meu pai, motorista, e minha mãe, dona de casa, eram semianalfabetos, mas foram grandes incentivadores do meu hábito de leitura, o que moldou profundamente minha trajetória pessoal e profissional. Minha formação educacional iniciou-se nas escolas públicas Mariano de Abreu e Eleonora Pierucetti, as quais desempenharam papel essencial no meu desenvolvimento intelectual.

No Instituto de Educação de Minas Gerais, durante o curso de Magistério, descobri minha vocação para a área da Educação. Foi por meio da minha irmã, Ana Lúcia Neves Pimenta Melane, que conheci a área da Ciência da Informação, mas especificamente a Biblioteconomia, quando ela ingressou no curso da UFMG. Inspirada por ela, em 1988, iniciei minha graduação na mesma universidade, concluída em 1992. Ainda recém-formada fui aprovada para o cargo de bibliotecária na própria instituição de ensino.

Ao longo da minha trajetória na UFMG, tive a oportunidade de trabalhar em diferentes unidades, como a Biblioteca Central e as Bibliotecas das Faculdades de Letras e de Arquitetura. Em 1996, após ser aprovada em primeiro lugar no concurso para Bibliotecária do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, requeri vacância da UFMG para abraçar este novo desafio. Desde então, minha atuação no TRT-MG tem sido pautada pela valorização da educação, pelo incentivo à leitura e pela promoção do conhecimento. Além das atividades tradicionais de uma biblioteca, como catalogação e gestão do acervo, participei ativamente de projetos inovadores.

Entre eles, destacam-se a implantação da Biblioteca Digital, a criação do programa Solidariedade Literária, o projeto Caminho das Letras Digital e a organização de concursos de monografias, iniciativas que buscaram ampliar o alcance e a relevância da biblioteca.

Ao celebrarmos os 50 anos da biblioteca, não posso deixar de agradecer a todos os servidores e magistrados que, ao longo das décadas, contribuíram para o sucesso e a continuidade deste espaço tão importante do saber. Meu desejo é o de que as futuras gerações continuem a usufruir de um acervo tão rico e especializado na área do Direito do Trabalho e afins e que a Biblioteca permaneça viva e atuante por muitos anos, além da preservação de sua memória institucional.

Jesus é fiel!



II Encontro de Bibliotecários de Bibliotecas Jurídicas de Minas Gerais -
Ano 2017

Fonte: Secom/TRT3

MARIA CREUZA SALES

(Bibliotecária/TRT22 - Piauí)

Sou natural de Miraíma, Ceará. Sempre vivi com meus 14 irmãos, até me mudar para Teresina. A vida nunca foi fácil para nós. Meu pai comerciante e minha mãe dona de casa. Meu divertimento eram as bonecas e brincadeiras de crianças. Estudei sempre em escola pública, e tive sucesso de ser aprovada como bibliotecária do Tribunal Regional do Trabalho da 22ª Região, Piauí, em 1995.

Completei agora em janeiro 30 anos de Tribunal. Vim morar em Teresina, sozinha, sem família, mas nunca foi difícil, pois, como bibliotecária, estou sempre envolvida com livros, leituras e eventos culturais na cidade e, que, podem de alguma forma trazer contribuições intelectuais e prazerosas.

Lembro bem que, na minha infância, via pouquíssimos livros em minha casa, os que via, eram os que meus irmãos mais velhos usavam na escola, também, não tínhamos dinheiro para comprar. Por outro lado não havia muito interesse, pois era um objeto distante. Meus pais não eram leitores, eu nem os via com livros, eram tantos filhos que só ouvíamos histórias, quando algum parente, em visita, contava as estórias de “trancoso”. Ali, ficávamos todos embebecidos, sonhando com o final das histórias.

Minhas lembranças dos primeiros livros ocorreram quando fui crismada aos 9 anos e, minha madrinha, que era uma professora de português, me impressionou quando me trouxe livros de muitas ilustrações: O patinho feio, O circo do ursinho e a Arca de Noé. Eles marcaram minha infância e, foi daí que comecei a descobrir a alegria que era conhecer as mais incríveis histórias.

O contato e o convívio com a Escola Municipal Dolores se deu aos meus sete anos, porém vim aprender mesmo a ler aos oito anos de idade. Nessa minha primeira escola foi no interior e antes de vir com minha família para Fortaleza. Uma escola muito simples e não dispunha nem de uma sala de leitura e um professor

ministrava todas as matérias (português, matemática e geografia) e, não tínhamos o privilégio de ter momentos de contação de história.

Quando viemos do Interior para a capital Fortaleza, eu tinha 10 anos e sonhava em ir para uma escola grande, com muitos alunos e outras atividades. Minha nova escola, onde fiquei por muito tempo, era chamada Grupo Escolar Pompeu Cavalcante, também não tinha biblioteca, os livros que existiam ficavam na sala da diretora, com direito a serem lidos, muito pouco, pelos professores. Nem perto da minha casa havia bibliotecas. Como eu era muito nova e não conhecia o que tinha na minha cidade, meu pai proibia de sair. Só podia ir para a missa e acompanhada das irmãs, daí eu desconhecia a realidade, porque também não havia interesse e desconhecia qualquer incentivo de leitura.

Quando entrei no Curso de Admissão, já adolescente, por influência de professores e, por colegas que tinham de comprar livros, comecei a ter contato com os livros de romances, novelas e contos. Meu entretenimento eram as revistas em quadrinhos. Lia os livros didáticos porque eram obrigatórios. O incentivo para a leitura vinha dos professores, somente. Apesar disso, não me aproximava de livrarias, pois, como disse, nós éramos muitos irmãos, nem dinheiro pegávamos.

Porém, no período do Curso de Biblioteconomia, quando entrei na Universidade, em 1980, o gosto pela leitura explodiu, pois tinha uma frequência diária às bibliotecas universitárias e, também nas livrarias. A exigência de leitura e estudos em razão das disciplinas era muito grande. Paralelamente, nesse período, consegui meu primeiro emprego público e já pude comprar meus livros e começar a fazer minha coleção.

Passei a fazer parte de um grupo de leitura, incentivando e emprestando livros aos colegas, como forma de incentivar o gosto pela leitura e formar indivíduos com consciência crítica. Já viajei quatro vezes à cidade de Belo Horizonte, para mim, uma cidade que respira cultura e seus visitantes têm o privilégio de acesso às atividades culturais, inclusive à Biblioteca Pública, que é bem localizada e de uma arquitetura atraente.

Para quem tem uma relação de hábito de leitura e gosta, as bibliotecas ainda são espaços relevantes de leitura, de atividades educativas, sociais e que promovem troca de ideias, estudo, aprendizagem e conhecimento, pois, comunidades que pretendem se desenvolver precisam do apoio educacional, cultural e institucional das bibliotecas.

Nas minhas idas a Belo Horizonte, sempre visito a Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, inclusive, depois que ela se mudou para o prédio da Escola Judicial. Minha relação com a Biblioteca nasceu, por meio das bibliotecárias Márcia e Ana Maria, durante os Encontros dos Bibliotecários da Justiça do Trabalho. O entrosamento e as contribuições, de anos para cá, só cresceram. Seguimos essa biblioteca nas suas boas práticas, que, inclusive já sediou e realizou o 4º Encontro de Bibliotecários da Justiça do Trabalho e assumiu algumas vezes a realização de treinamentos para os bibliotecários da Rede da Justiça do Trabalho, com participação em Grupos de Trabalho. Eu tenho me espelhado no desempenho dos bons trabalhos e programas desenvolvidos por essa Biblioteca.



1ª Reunião dos Técnicos em Documentação da Justiça do Trabalho,
com a presença da Bibliotecária Maria Creuza Sales e outros servidores
Ano 1998

Fonte: Memória do TRT3



Dia Mundial das Bibliotecas - Ano 2024

Fonte: Memória do TRT3

MARIA DE LOURDES VELOSO VIEIRA
(Servidora/TRT3-MG)

Sou natural de Belo Horizonte e servidora deste Tribunal desde 2007. Iniciei minha vida escolar aos 04 anos de idade e fui alfabetizada com 05 anos.

Em meu Jardim de Infância a professora tinha o hábito de nos contar histórias. O nome dela era Hermelinda e me lembro que ela gostava muito de fábulas.

Meu pai era um leitor voraz e em minha casa havia uma pequena biblioteca. Ele sempre nos incentivou a ler e durante a vida escolar dos filhos nos abasteceu com inúmeras enciclopédias e livros diversos, além de sempre nos levar para “passear” na Biblioteca Pública do Estado. Herdei do meu pai o gosto pelos livros e tenho uma estante em minha sala com os meus autores preferidos. Sempre visito uma livraria, nem sempre compro mas gosto muito do ambiente, de ver livros, folhear.

Trabalhei na biblioteca de 2012 a 2018, 5 anos e alguns meses. Foi uma passagem bastante enriquecedora e gratificante. Além de ter tido contato bastante próximo com o acervo do Tribunal, o que foi possível pela própria função exercida, tive também a oportunidade e prazer em auxiliar servidores, assistentes, estudantes e público em geral que para lá se dirigiam em busca de materiais inerentes à Justiça Trabalhista.

Um fato que me marcou, dentre outros, foi a gratidão demonstrada por estudantes que utilizavam a biblioteca para estudar, pesquisar e buscar orientações, retornarem para agradecer após o êxito alcançado nos certames. Vi muitos Juízes do Trabalho terem sido estudantes em nossa biblioteca.

Quero ressaltar aqui o trabalho desenvolvido pela Secretária Márcia Lúcia que administra a biblioteca, com muita competência, entusiasmo e amor, transmitindo aos servidores que lá trabalham os mesmos propósitos.



Historiadora Bruna Marinho do Centro de Memória, Bibliotecária aposentada Maria do Carmo Marinho de Oliveira e a Bibliotecária Márcia Lúcia Pimenta da Biblioteca do TRT3 (Projeto História Oral) - Ano 2025
Fonte: Memória do TRT3

MARIA DO CARMO MARINHO DE OLIVEIRA

(Bibliotecária aposentada/TRT3-MG)

(Transcrição da História Oral da Senhora Maria do Carmo Marinho de Oliveira, bibliotecária aposentada do TRT3, ocorrida em 06 de fevereiro de 2025, nas instalações da Biblioteca da Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região (MG), localizada na Rua da Bahia, 112, Centro, Belo Horizonte - MG, com a Historiadora Bruna Roriz do Centro de Memória e com a Bibliotecária Márcia Lúcia Neves Pimenta, coordenadora-chefe da Biblioteca.)

Nasci em 16 de julho de 1946, em Belo Horizonte - MG.

Comecei a frequentar a escola dos 07 (sete) para os 08 (oito) anos de idade, a “escola primária”, como era conhecida antigamente.

Estudei na Escola Estadual Barão do Rio Branco, localizada no bairro Funcionários e morei, naquela ocasião, no bairro Santo Antônio, ambos bairros de Belo Horizonte - MG. Comecei a ler e a ter meus primeiros contatos com a leitura também dos 07 para 08 anos de idade. Hoje em dia, vejo que as crianças aprendem a ler mais cedo.

Eu era uma criança que gostava de ler. A família não tinha muito o hábito de leitura dentro de casa. Meu pai, no trabalho, tinha que prestar assistência às prefeituras do interior de Minas, então ele viajava muito e minha mãe era dona de casa e cuidava de cinco filhos¹. Ela contava muitas histórias para a gente desses livros tradicionais e, à noite, na hora de dormir, ela nos incentivava a ler. Em casa tinham alguns livros, mas não era uma espécie de biblioteca.

¹ Em 25 de março de 2025, a entrevistada solicitou a seguinte complementação: seus pais estudaram no interior de Minas Gerais, em uma época na qual a educação ainda apresentava muitas limitações. Ambos estudaram nas chamadas escolas isoladas, quando ainda se escrevia em uma pedra de ardósia (e não em cadernos de papel) e se usava uma bucha de querosene para apagar os escritos.

Não havia bibliotecas perto de minha casa, mas na escola havia, sendo que o meu contato com bibliotecas era mais na escola mesmo.

Os livros que marcaram a minha infância e adolescência foram os contos de Hans Christian Andersen e as histórias dos Irmãos Grimm, que eu gostava muito. Lia na adolescência, mas não era tanto, pois me preocupava mais com a minha formação: em fazer cursos e participar de seminários. Na época, não dedicava tanto tempo à leitura.

Cursei o ginásio no Colégio Sacré-Coeur de Marie, localizado na Rua Estevão Pinto, no bairro Serra, em Belo Horizonte - MG. Fiquei por ali até me formar, por 07 (sete) anos, sendo que desses, 03 (três) anos foram dedicados à formação de professores, que, naquela época, era o curso de Magistério. Primeiro fiz o Magistério e depois o curso de Biblioteconomia. Naquela época, visitava a Livraria Rex e a Oliveira Costa.

Fiz o curso de Biblioteconomia na Escola de Biblioteconomia da UFMG durante 03 (três) anos - 1966, 1967 e 1968 - e gostava muito do curso. Quando estava no último ano do curso de Biblioteconomia, fui nomeada para o estado de Minas Gerais, pois eu tinha feito concurso para professora primária. Então tomei posse e fiquei pouco tempo na escola primária porque o Ministério da Educação e Cultura (MEC) tinha um convênio com o estado de Minas Gerais e eles requisitavam funcionários para trabalhar lá. A gente continuava a pertencer ao estado, mas prestando serviços ao MEC. Fiquei por lá 10 anos, como bibliotecária, mas pertencendo ao quadro de funcionários do estado. E aí, nesse período, houve o concurso do estado para bibliotecária, para ser estatutária, sendo que eu era estatutária, mas como professora. Então eu fiz o concurso e, ao mesmo tempo do concurso do estado, surgiu o concurso do MEC para efetivar as pessoas que estavam à disposição dele para regularizar a situação e eu fui aprovada nos dois. Mas eu tinha que fazer uma opção e preferi a vaga do concurso do estado, porque lá eu ia ser estatutária e poderia levar minha contagem de tempo de 12 anos de serviços

prestados, enquanto no MEC eu iria ser CLT. Portanto, eu fiquei no estado durante 10 anos como bibliotecária e depois de 10 anos, surgiu o concurso do TRT3 e foi um desafio muito grande para mim porque eu já tinha muitos anos de formada e minha experiência profissional era na área de educação.

Para abrir um parêntesis e para complementar, quero dizer que o MEC foi muito bom para mim, pois abriu um leque de possibilidades e porque cresci profissionalmente. Trabalhei com uma equipe de pedagogas renomadas que preparavam cursos pelo Programa Brasileiro Americano de Assistência à Educação Elementar. Elas iam para os Estados Unidos e escreviam vários livros na área de educação, publicavam artigos em periódicos, além de promoverem cursos que eram muito solicitados e frequentados por pessoas não só de Minas, mas de todo o Brasil. Elas eram muito capazes e muito inteligentes.

A disseminação da informação naquela época não era como hoje que se tem internet. Então, você, como se diz na gíria, “tinha que se virar”. Na biblioteca, eu fiz o perfil de interesse dos usuários para atender aos seus interesses e necessidades. Eu procurava dar o máximo de mim, porque eu amo a minha profissão. Eu acho que isso foi muito importante para o meu trabalho porque houve uma reciprocidade: elas [as pedagogas] compreendiam o meu trabalho e eu o delas.

Eu divulgava muito os livros novos na biblioteca e fazia circular, nos vários setores, os sumários dos periódicos para que elas tivessem conhecimento. Eu direcionava aqueles livros e periódicos de acordo com o perfil de cada setor, que ficavam uma semana na biblioteca e depois eu passava o empréstimo por um tempo menor para todo mundo ter acesso àquela informação.

Isso foi muito bom e eu gostava demais de lá, mas eu tive que ir para o estado por causa do concurso. No estado, eu fui trabalhar junto à Diretoria de Bibliotecas também pertencente à Secretaria de Educação. Continuei, como sempre, na área de educação. Lá, a Diretoria de Biblioteca preparava professores das escolas de todo o interior de Minas para a instalação de bibliotecas

comunitárias, que serviriam tanto à escola como à comunidade. E nós, bibliotecárias, éramos um grupo muito bom também, sendo que a gente preparava as professoras, que vinham do interior fazer o curso conosco. Nós selecionávamos e adquiríamos todo o acervo e já entregávamos para as escolas classificado e catalogado. Naquela época, era catálogo com fichinhas. Então elas recebiam também e eram treinadas para saber usar aquele material e nós dávamos também assistência quando necessário. Isso durou uns 10 anos também, em que eu fiquei nas bibliotecas comunitárias. Foi muito gratificante, pois aprendi muito.

Retornando ao período do Tribunal, eu fiz a prova para o TRT3 em 1988, em julho de 1988 e, comecei a trabalhar, logo depois. Eu me aposentei em 1993. Não sei se foi em julho, mas foi em 1993. Eu fiquei no Tribunal do ano de 1988 a 1993 e meu concurso foi para o cargo de bibliotecária e eu fui trabalhar diretamente na biblioteca. Foi um desafio muito grande, pois era uma vaga só e eu falei “vou concorrer com jovens que estão mais atualizados, vamos dizer assim”, apesar de que eu sempre procurei participar muito de congressos no Brasil, seminários e cursos de reciclagem e sempre procurava me manter atualizada, que era o que eu deveria fazer. Como era uma vaga só, desculpe dizer aqui, mas eu agradeço muito a Deus por Ele ter me dado essa oportunidade, pois eu passei de funcionária estadual para federal. Tive que estudar muito sobre Direito do Trabalho e li bastante!

A Maria Helena Nunes, eu queria ressaltar, era bibliotecária na Avenida Getúlio Vargas, enquanto eu trabalhava na biblioteca da Rua Curitiba; e foi ela quem me direcionou e me orientou muito. Ela sempre tinha disponibilidade e, tudo que eu precisava, ela me orientava com a experiência que tinha. Então eu pude tentar fazer um bom trabalho com a ajuda dela. O trabalho que eu realizava no estado era diferente do trabalho que eu realizava na Biblioteca do Tribunal, pois no estado eu fiquei, como eu disse, com bibliotecas comunitárias a, nível assim, de escolas.

Os principais desafios naquela época com a Biblioteca do Tribunal é que eu não tinha a formação em Direito do Trabalho,

sendo que eu tive um desafio muito grande de me formar. Afinal, como eu iria trabalhar numa instituição, na qual eu não sabia o que eles esperavam de mim? Eu tinha que ter conhecimentos. Então eu estudei muito e isso me ajudou.

Teve uma época também que nós não tínhamos verba disponível, pois a biblioteca era pequena, com poucos recursos e com o acervo dividido entre as duas bibliotecas: a da Avenida Getúlio Vargas e a da Rua Curitiba.

Então eu tinha que buscar informações, principalmente para os juízes, e, às vezes, as buscava fora da Biblioteca do Tribunal, entre outros lugares, na Escola de Direito da UFMG, na Universidade Católica, na Federação das Indústrias e na Federação do Comércio. E todas essas instituições colaboravam muito conosco. Eu sempre procurava e, onde precisava, eu ia atrás buscar informação. Não é como hoje que tem internet. Naquela época você tinha que ir andando mesmo procurar informações.

A biblioteca da Rua Curitiba funcionava no sexto andar e, na época, eram Juntas de Conciliação e Julgamento, que hoje chamamos Vara do Trabalho, e tinha um elevador só, tanto para as pessoas que iam para as audiências, como para os servidores do Tribunal. Então eu subia e descia aqueles seis andares várias vezes ao dia. Às vezes ficava esperando o elevador e, como ia demorar para levar a informação para o juiz e eu queria levá-la rapidamente, eu não me poupava e subia as escadas. Depois, muito depois, a Maria Helena [Nunes] conseguiu verba para as bibliotecas e nós atualizamos um pouco nosso acervo bibliográfico. E eu vou falar que eu cheguei a comprar livros. Alguns, que eram muito solicitados, eu comprava com o meu dinheiro, porque eles pediam e a biblioteca não podia comprar. O jornal Minas Gerais, também, eu assinei. Assinei para a biblioteca que ficava na Avenida Getúlio Vargas. Sempre procurando fazer o melhor possível porque era o meu dever.

Os livros mais usados e mais requisitados na biblioteca eram os de Direito do Trabalho e a parte da jurisprudência. Tinham muitos funcionários do Tribunal que faziam o curso de Direito

e eles solicitavam os livros na biblioteca. As bibliotecas, tanto da Getúlio Vargas quanto da Curitiba, eram abertas ao público externo e interno, dando prioridade para os juízes e servidores do TRT3. Tínhamos como público externo muitos estudantes.

Eu mantinha na biblioteca da Rua Curitiba um mural atualizado e colocava sempre assim: “O que há de novo na Biblioteca?”. Eu colocava os livros e os sumários dos periódicos, porque as pessoas poderiam ver se era do interesse delas e do que elas precisavam. Além disso, eu comprava o jornal Estado de Minas, porque, às vezes, na hora do almoço, do café, os usuários iam rapidinho na biblioteca e davam uma olhada. Era uma maneira de atrair as pessoas, pois, lendo o jornal, elas acabavam tendo contato com o acervo da biblioteca. Era uma maneira de atraí-los e era muito bom isso. E eu tinha sempre uma anotação perto do telefone com “a informação solicitada”, “por quem que foi atendida” e, depois, “se tinha sido atendida”. Eu controlava assim.

As bibliotecas da Getúlio Vargas e da Curitiba atendiam a parte doutrinária, de legislação e de jurisprudência, e a gente tinha também contato com o Arquivo, porque os livros, como todos os processos e a jurisprudência, eram encadernados. Depois de um certo tempo, uma parte da coleção ia para o Arquivo porque não tinha condições de mantê-la na biblioteca. Então nós solicitávamos, sendo que a pessoa falava o número do processo que queria e o ano. A gente solicitava e era atendida também pelo Arquivo e aí eles mandavam aquele volume, que era encadernado, e a pessoa tirava xerox do que interessava.

Naquela época, o empréstimo domiciliar era só para os juízes e para os funcionários, para o público não. Para o público geral, a consulta era só no recinto da biblioteca mesmo. O empréstimo para as cidades do interior não acontecia na época.

Os servidores que trabalhavam na biblioteca, que eu tenho lembrança, foram o Fernando Antônio Cruz, que era um rapaz bem novo e muito inteligente, sendo que ele fez curso de Direito e me ajudou demais, mas eu queria que ele progredisse porque ele merecia. Ele foi ser oficial de justiça. E tinha a Dalca Campos e a

Valéria, que eu não sei se ainda está no Tribunal. Ela era também dessa mesma Diretoria. Todos colaboraram muito comigo. O que eu consegui não foi sozinha; foi um trabalho em equipe.

Uma coisa pitoresca e engraçada que aconteceu comigo naquela época foi que eu sempre pronunciei “acórdão” e aí chegou um senhor lá e falou assim: “eu quero o acordo”. Uma colega minha se segurou para não rir e foi lá para dentro. Eu me mantive séria. Ou seja, uma bobagem, apesar de engraçado o modo como ele pronunciou a palavra. Às vezes, também, na biblioteca da Rua Curitiba, tinha o serviço de xerox, mas às vezes estava sobrecarregado e eu ia fora da biblioteca, no serviço de xerox que tinha lá na Rua Curitiba, e tirava xerox lá. Eu queria atender! Não é porque estou me exibindo, mas meu instinto é de servir, de informar, pois eu nasci própria para a profissão de bibliotecária. A função de bibliotecária já não era muito valorizada, mas eu nunca me incomodei, porque o que importava era que eu queria ser bibliotecária, eu queria levar informação “custe o que custasse”. Muitas pessoas falavam que a bibliotecária “tirava pó de livros e ficava foleando livros”, mal sabendo essas pessoas que tinha dia que a gente não tinha tempo nem para tomar um café, porque tinha que classificar, catalogar, preparar os livros, preparar o fichário, os catálogos, atender o público e ainda me manter informada. Era muita coisa e era só eu de bibliotecária nessa parte técnica.

A Biblioteca, nessa época, era vinculada à Diretoria de Legislação e Jurisprudência, cujas diretoras foram a Consolação e depois a Isabela. O Arquivo também pertencia à Diretoria de Legislação e Jurisprudência, junto com a Biblioteca.

Eu poderia ter me aposentado porque eu tinha tempo, que era 30 anos de serviço, mas eu não continuei em virtude de que a minha mãe teve Alzheimer com 74 anos e ela ficou 26 anos com Alzheimer. Eu falei: Agora é tempo de eu cuidar da minha mãe. Então dediquei a ela 26 anos e foi uma missão muito bonita que Deus me deu e eu procurei fazer também o máximo que eu podia para os meus pais. Aposentei-me em 1993.

Deixo ao Tribunal a seguinte mensagem: que o Tribunal continue a dar o apoio que me foi dado na época para qualquer área e para qualquer profissional. Isso é muito importante, pois o nosso trabalho só desenvolve se você tem um apoio, e eu recebi isso, e se não fosse isso não teria conseguido fazer o que foi feito.

Hoje acho que Belo Horizonte melhorou bastante, pois tem mais bibliotecas, mais espaço, mais cursos, mas ainda acho que pode melhorar ainda mais, porque, hoje em dia, com esse negócio de tecnologia, o jovem só quer saber de celular, de iPad, então é mais rápido ficar ali do que ficar pegando um livro. Se bem que tem muitos que gostam, mas acho que deveria haver maior incentivo por parte do governo, das escolas para incrementar esse gosto pela leitura².

E mesmo com a tecnologia, acho que as bibliotecas ainda são espaços relevantes para a leitura e formação, embora eu não tenha essa vivência depois da tecnologia. Acho que a biblioteca tem que se impor e mostrar também que ela existe e que está ali para servir.

Por fim, deixo a seguinte mensagem aos magistrados, servidores e usuários da biblioteca: que em qualquer área todo o profissional tem que dar o melhor de si, gostar da sua profissão, amar e procurar servir porque a gente não pode ser egoísta e ficar com seu conhecimento só para você, pois você tem que ajudar os outros.

Eu fui muito feliz e cumpri o que eu queria. Meu sonho era ser bibliotecária. Se bem que muita gente falava: “É uma profissão que não é reconhecida”. E eu falava: “Não importa, pois eu quero e vou fazer o melhor”.

² Em 25 de março de 2025, a entrevistada solicitou a seguinte complementação: após refletir melhor, acredita que as escolas atuais incentivam bastante a leitura e que as propostas pedagógicas elaboradas nesse sentido são suficientes.

MARIA EUGÊNIA COSTA MACHADO

(Servidora aposentada/TRT3-MG)

Sou natural de Belo Horizonte, tenho 78 anos de idade, servidora pública com escolaridade superior. Sou Mediadora e Conciliadora formada pelo TJMG onde, por quinze anos, atuei como voluntária no Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania (CEJUSCs).

Entrei para a escola aos sete anos de idade e aos oito já estava alfabetizada. Naquela época, o acesso aos livros não era fácil, o que tínhamos eram somente aqueles poucos que compunham a pequena biblioteca da escola: livros didáticos, de poesia e de histórias infantis de Monteiro Lobato e Lúcia Casasanta, dentre outros.

Em casa, líamos as revistas em quadrinhos de Walt Disney, os livros de cunho religioso e as fotonovelas. Meus pais gostavam de contar histórias, muitas delas eram histórias das suas vidas, de modo que despertaram a minha curiosidade e vontade de conhecer novos mundos através da leitura.

Além do incentivo à leitura, minha mãe incentivava a escrita com o objetivo de melhorar a caligrafia. Eu gostava muito de copiar as biografias dos personagens da História do Brasil, sobretudo da Inconfidência Mineira. Hoje gosto muito de ler, mas não sou uma leitora contumaz, pois a preferência recai na escrita. Ainda assim, entendo que a leitura é uma forte ferramenta para se obter e ampliar conhecimentos, daí a importância das bibliotecas neste processo.

O ambiente democrático e inclusivo das bibliotecas permite encontrarmos toda uma gama de conhecimentos, onde temos a oportunidade de ver o encontro do passado com o presente e vislumbrar novos rumos para um futuro auspicioso. Além disso, não devemos olvidar a função social que a biblioteca exerce em uma sociedade tão diversificada e desigual como a nossa. Ela garante

o acesso à leitura, tornando as informações acessíveis a todos, independentemente de classe social, sexo, orientação sexual ou religião; promove o conhecimento, contribuindo para formação de novos leitores, em contínuo processo de aprendizagem e formação de opinião crítica; contribui para geração de conhecimento; e promove a inclusão social e digital, uma vez que por força das mudanças tecnológicas, as bibliotecas estão se adaptando para oferecer aos seus usuários, além dos livros impressos, toda tecnologia moderna, sem deixar de atender de forma eficiente todos aqueles que não têm acesso ao processo digital. As bibliotecas representam portas de entrada para os mais variados conhecimentos, representando espaços relevantes para a leitura, estudo e aprendizado.

Quando fui trabalhar na Biblioteca, ela funcionava na Avenida Getúlio Vargas. Fiquei encantada com o lugar, não só pela sua importância significativa, mas também pelo espaço físico. As estantes de madeira ofereciam àquele espaço um ar de nobreza, fazendo jus ao maravilhoso e rico acervo a elas confiado.

Toda aquela beleza que eu via ali, espelhavam o resultado de um projeto feito com muito carinho e cuidado para oferecer àqueles que ali frequentavam, além de um mundo de conhecimento, um lugar confortável, com uma energia leve e promissora, que contagiava a todos. Digo promissora porque ali, naquele silêncio, era possível “ouvir” e sentir a variedade de sonhos e emoções que alimentavam a esperança de muitos que estavam no local buscando a realização dos seus sonhos. Muitos estavam ali se preparando para concursos do TRT ou para outros órgãos do poder judiciário.

Mas o acervo da biblioteca não se resume a obras afins ao Direito do Trabalho e Processo do Trabalho, oferece também obras sobre todas as áreas do Direito, além de um vasto material de pesquisa. Ademais, a Biblioteca é guardiã de uma relíquia: o acervo de Obras Raras, que trazem no seu conteúdo todas as histórias que relatam o desenvolvimento dos estudos Trabalhistas na Jurisprudência Brasileira.

Durante o tempo em que trabalhei na Biblioteca tive oportunidade de viver várias experiências no convívio

com servidores, advogados e juizes, além do público externo. Acompanhei de perto a realização de sonhos, bem como a tristeza e frustração de alguns. Conheci e pude ver a resiliência e a persistência de muitos para começar uma nova jornada de estudos, mantendo vivos os seus sonhos, seus objetivos e seus projetos.

Saí da biblioteca para trabalhar na área de recursos humanos, mais precisamente no CTA (Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento). Mas minha ligação com ela não acabou aí... Como coordenadora e instrutora do Programa de Integração, eu recebia os servidores recém empossados. O Programa tinha duração de uma semana, sendo que fazia parte da programação levar estes servidores para visitarem várias áreas do Tribunal, dentre as quais estava incluída a biblioteca. Sempre que chegava o momento de conhecer a biblioteca, era aparente a admiração de todos.

É inegável a importância da biblioteca, em especial em um momento de dominação das redes sociais e, conseqüentemente, disseminação de “*Fake News*”, pois a biblioteca tem a capacidade de criar e fortalecer o hábito da leitura em todos, adultos e crianças, bacharéis em direito ou não; de promover a educação e autoformação individual de cada um, além de permitir a evolução criativa de cada indivíduo, de fomentar o diálogo entre culturas e, sobretudo, áreas de informações, e de facilitar o acesso à informação, de forma segura e com garantia de veracidade. Quanto a mim, guardo com muito orgulho as lembranças daquele tempo.

E aproveito este momento para dizer minha gratidão pelo muito que aprendi e agradecer a todos aos que ainda trabalham para manter viva, e ao alcance de todos, a história do nosso Poder Judiciário, em especial da Justiça do Trabalho.



Servidoras da Diretoria de Documentação, Legislação e Jurisprudência
do TRT3 - Ano 1995
Fonte: Memória do TRT3



Projeto Solidariedade Literária no Centro de Internação Provisória Dom
Bosco de Belo Horizonte/MG - Ano 2022
Fonte: Secom/TRT3

MAURO LÚCIO ALVES DA SILVA

(Servidor aposentado/TRT3-MG)

Aposentado do TRT-3ª Região, sou natural de Raul Soares-MG, e vim morar em BH em 1970.

Embora não houvesse muitos livros em casa, meu avô, com o qual morei alguns anos, era um leitor assíduo de jornais e revistas informativas da época, mas, não somente isto, era um incentivador e admirador da leitura, da cultura e da informação de uma forma geral. Ele conseguiu transmitir estes conceitos para os seus netos.

Comecei a ler mais assiduamente na adolescência. Os livros que mais me atraíram foram os de crônicas, contos, romances e alguns de política por influência de amigos e colegas de trabalho.

Não costumava frequentar bibliotecas, mas, posteriormente, procurei incentivar meus filhos e algumas pessoas com as quais convivi a terem este hábito, explicando-lhes a importância da leitura, da cultura e do conhecimento. E de como estas fontes de informação são imensamente construtivas na vida das pessoas. Embora o desenvolvimento tecnológico e o uso amplo de celulares hoje em dia, acredito que as Bibliotecas ainda se constituem em locais especialmente apropriados para uma boa leitura, seja para pesquisas, estudos ou entretenimento, eis que este é o seu principal objetivo.

Trabalhei por diversos anos na Biblioteca do TRT-3ª Região, e pude constatar que ela sempre mostrou-se ativa e sensível às necessidades de seus usuários - magistrados, servidores e pesquisadores, entre outros, concretizando os objetivos a que se propôs. Sem perder de vista os acontecimentos históricos do passado, estive sempre muito atento aos mais importantes eventos do presente, especialmente às questões jurídicas e essencialmente aos fatos e à legislação trabalhista.

A Biblioteca do TRT-3ª Região entregou ao longo de sua existência, conhecimento, informação e lazer àqueles que a procuraram. E isto se deve em parte à atual Bibliotecária, Márcia Lúcia Neves Pimenta, bastante perspicaz, diligente e incansável na busca do cumprimento destes objetivos.

Para finalizar, quero dizer do imenso prazer que tive em trabalhar lá e da grande saudade das atividades, do ambiente, dos amigos e colegas e das pessoas que por lá passaram.

Parabéns à Biblioteca do TRT-3ª Região pelos seus 50 anos, desejando que ela continue por muitos e muitos anos a desenvolver o seu papel, fundamental nestes dias de hoje em que a informação se torna a cada dia mais importante e necessária.

MYRIAM REGINA NOGUEIRA SOARES

(Servidora/TRE-MG)

Sou natural de Itaúna-MG, casada com Geraldo Roberto Fernandes Soares. Temos dois filhos adultos. O mais velho é Defensor Público do Estado de Minas Gerais e o mais novo, Advogado.

Itaúna é uma cidade bem próxima a Belo Horizonte, cidade Universitária, que acolhe muitos estudantes dos vários segmentos, uma cidade progressista e que, ao mesmo tempo, guarda características de interior, tranquila e onde todos se conhecem.

Meu pai, Walter Mendes Nogueira, era médico, muito dedicado e muito estudioso, nos influenciou bastante devido aos seus estudos constantes sobre Medicina, pela necessidade de estar sempre totalmente atualizado e também pelos seus vastos conhecimentos gerais, o que nos deixava muito orgulhosos. Mamãe era natural de Vitória-ES, Contadora formada na Academia de Comércio de Vitória, era funcionária da Alfândega, no Porto de Vitória, tendo se demitido para casar-se com meu pai, vindo residir-se em Itaúna. Era minha mãe quem cuidava da nossa educação, nos ensinava o “dever-de-casa” e quem lia sempre para nós, as mais lindas histórias infantis como: Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, João e o Pé de Feijão, Os Três Porquinhos e a Fada Azul, dentre outros.

Das lembranças de minha infância, recordo-me que na casa de minha prima Viviane, havia uma coleção com 25 exemplares, chamada O Mundo da Criança, com a qual eu ficava deslumbrada! Apesar de ainda não ser alfabetizada, gostava de folheá-la e foi de onde surgiu o meu interesse pelo estudo de Piano.

Fui para o Jardim de Infância Ana Cintra com apenas 4 anos de idade, devido a minha hiperatividade e o gosto pelas brincadeiras. Aos 7 anos ingressei no Curso Primário do Grupo Escolar Dr Augusto Gonçalves de Souza onde formamos uma turma

que seguiu junto até a formatura e também uma turma que se destacou no Grupo, por sua homogeneidade e de crianças muito inteligentes.

Dentre as atividades escolares, ressaltava a Aula de Leitura, em que nos dirigíamos à Biblioteca do Grupo, líamos e tínhamos que anotar algum período que nos agradasse naquele livro, para, posteriormente, usá-lo nas redações que escrevíamos. O aluno que lesse o maior número de livros naquele mês era premiado com um livro e seu nome ia para o Quadro de Condecorações.

Guardo uma memória afetiva por minha Professora Geralda Maria dos Santos, pelos seus conhecimentos e por sempre me ensinar e me ajudar nas minhas dificuldades. Foi ela também quem me presenteou com um livro, tão logo comecei a ler!

Na adolescência lia romances de Machado de Assis, Jorge Amado, José de Alencar, José Mauro de Vasconcelos e também lia as Revistas Manchete, O Cruzeiro e Seleções, que circulavam na época!

Foi também em Itaúna, em 1983, que me graduei em Direito.

Em 1990, decidi estudar para fazer concursos. Como não havia Cursinhos Preparatórios para Concurso em Itaúna, eu ia todos os dias para Belo Horizonte, assistia às aulas, pegava o ônibus de volta para Itaúna e aproveitava esse tempinho de viagem para estudar. Graças a Deus que 2 anos após esses estudos, comecei a passar nos Concursos e em 1994, fui nomeada no Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais, com o cargo de Analista Judiciário, ocasião em que mudamos para Belo Horizonte.

Após 8 anos no exercício no TRE-MG, surgiu uma oportunidade de prestar meus serviços no TRT-3ª Região de Minas Gerais, tendo sido requisitada pela Juíza Maria Laura Franco Lima de Faria onde permaneci por 2 anos e pouco e posteriormente fui lotada na Diretoria da Secretaria de Documentação, Legislação e Jurisprudência e em seguida fui para a Seção Biblioteca, vinculada à DSDLJ.

Trabalhei na Biblioteca por aproximadamente 6 anos. Sem sombra de dúvidas, foi o local com que mais me identifiquei, onde mais produzi, e o local onde mais gostei de trabalhar. Sentia-me motivada a ir para o trabalho: sentia que ali poderia ajudar muita gente: eram servidores do interior que precisavam de um livro emprestado, algum servidor que se dirigia à Biblioteca para uma pesquisa, para estudar para um concurso; quantos estudantes hoje Juízes do Trabalho, não estudaram conosco! E sempre eu tinha uma palavra de incentivo para eles, por isso conquistei muitos amigos!

A Biblioteca é um espaço muito dinâmico, com inúmeras atividades e tarefas diversificadas.

Minhas atividades como servidora na Biblioteca, eram: atender ao público, indicando livros, ou pegando os livros nas estantes, empréstimo de livros e envio por malotes para o interior; atender Assessores e Juízes em pesquisas.

Também fazia parte das minhas atividades, confeccionar capas com material especial para a conservação dos livros raros.

Participava também de um evento cultural promovido pela Escola Judicial em parceria com a Biblioteca: eram lançamentos de livros de algum Juiz, algum servidor e que me encantava, pelo contato com várias pessoas de outras lotações, do interior, da capital etc.

Muito importante para mim foi o acolhimento, a recepção e o bom convívio que tive com os colegas. Leverei comigo, para sempre, um pouquinho de cada um, dentro do meu coração.

Márcia então, sempre me incentivou, sempre me apoiou e hoje, mais que minha colega de trabalho, é uma grande amiga, por quem tenho uma grande admiração e um carinho imenso.

Por fim, só tenho a agradecer a Deus, por me guiar, por me orientar; aos colegas do TRT, pela consideração, pela amizade, por fazerem parte da minha história, à Biblioteca, por ter-me dado a oportunidade de encontrar um lado meu que eu desconhecia, pela oportunidade de ter exercido um pouco do meu talento. Gratidão. Gratidão. Gratidão por tudo.



Treinamento de servidores para a Biblioteca Digital -
Ano 2011

Fonte: Memória do TRT3



Campanha do Projeto “Caminho das Letras”, visando o incentivo à
leitura, com a presença da Desembargadora Emília Facchini -
Ano 2015

Fonte: Memória do TRT3

OLGA DE ARAÚJO MOREIRA
(Servidora aposentada/TRT3-MG)



Servidora aposentada Olga de Araújo Moreira
Ano 2025

Fonte: Memória do TRT3

Nascida em 02 de dezembro de 1937, em Belo Horizonte, onde fui criada. Aprendi a ler com sete anos no Grupo Escolar Caetano Azeredo, situado na rua Guajajaras, atrás do Fórum de Belo Horizonte.

Como estudante, frequentava as bibliotecas e levava livros de contos adolescentes para ler em casa. Frequentei a Biblioteca Pública também.

Meus pais liam a revista “Seleções do Readers Digest”, que se não me engano era mensal, além das revistas “O Cruzeiro” e “Manchete”, as mais populares da época, além do jornal “O Estado de Minas”. Quando estava no curso Científico do Colégio Municipal, comecei a trabalhar e pude comprar algumas coleções como “O

tempo e o Vento “de Érico Veríssimo e a coleção “Em busca do tempo perdido” de Marcel Proust.

Casei-me aos 24 anos, tive o primeiro filho e fui morar em Brasília em 1962, porque meu marido aceitou o cargo de Coordenador do Curso de Economia da UNB. Como sempre gostei de estudar, frequentei como ouvinte e me encantei com o curso de Biblioteconomia da UNB. Voltamos para Belo Horizonte em 1964. Anos depois, fiz o exame vestibular para Biblioteconomia na UFMG, passei, frequentei e me formei como Bibliotecária. Fiz também o curso de Design de Interiores na antiga FUMA, hoje Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG.

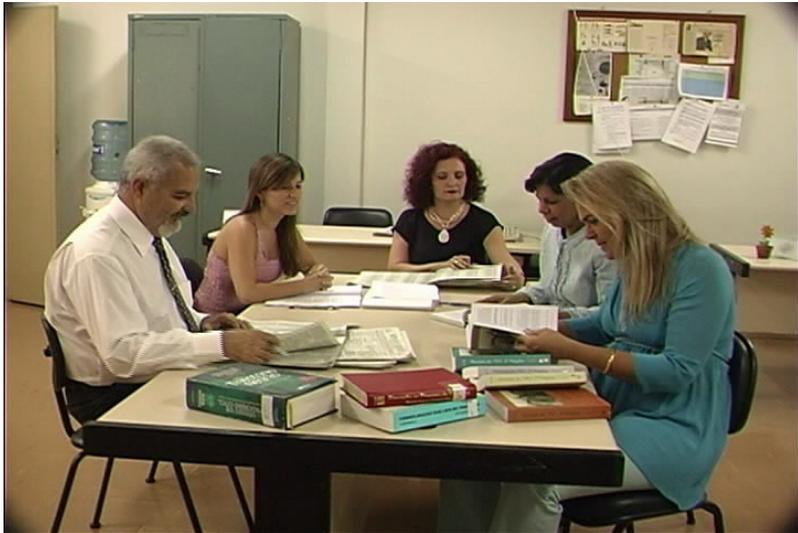
Tendo passado no concurso e chamada para trabalhar no TRT3, fui indicada para a 24ª Junta. Dois anos mais tarde, com a aposentadoria da bibliotecária chefe, fui convidada pela bibliotecária, Maria Helena, que foi informada que eu tinha o diploma de Biblioteconomia e que era assistente da Diretora do Departamento de Documentação, para ocupar, interinamente, o cargo de chefe da Biblioteca, que era localizada no prédio da rua Curitiba. Aceitei o cargo e amei trabalhar lá.

Solicitei e consegui que abrissem uma porta para a Biblioteca na sala fechada contígua e pus em exibição documentos e peças históricas importantes que ficavam ocultas dos leitores. Algum tempo depois, mudamos para o prédio da Avenida Getúlio Vargas, com instalações excelentes, onde pudemos atender melhor nossos leitores, constituídos de estudantes de Direito, filhos de juízes, advogados e outros.

Quando veio a oportunidade para me aposentar por idade em 1997, eu me aposentei mas saí triste, porque foi o único lugar onde amei de verdade trabalhar. Belo Horizonte é, sim, uma cidade que convida à leitura, pois, não tem praia, porém, tem poucas bibliotecas e a população de classe média e média baixa é muito grande e precisa de bibliotecas públicas mais próximas das escolas. Embora, com o avanço da tecnologia, inclusive com o advento da Inteligência Artificial, talvez ficasse mais econômico do que construir bibliotecas, distribuir computadores para os estudantes destas classes sociais.



Servidora aposentada Olga na Biblioteca do prédio do TRT3
da Getúlio Vargas - Ano 1997
Fonte: Memória do TRT3



Servidores fazendo pesquisas em obras da Biblioteca
Fonte: Memória do TRT3

PATRÍCIA CÔRTEZ ARAÚJO
(Chefe da Seção de Revista da EJ/TRT3-MG)

Nascida e criada em Belo Horizonte, sempre gostei muito de ouvir minha saudosa mãe contar histórias antes de dormir. E assim criei este bom hábito com meus filhos, que ficavam ansiosos por esse momento.

Sempre estudei em bons colégios que incentivavam muito a leitura. Estudei até a 4ª série no Colégio Estadual Professor Leon Renault, depois no Colégio Loyola e finalmente fiz faculdade na UNA, onde me formei em Comércio Exterior. As pesquisas eram feitas nas antigas coleções Barsa e Novo Tesouro da Juventude. Não tínhamos a facilidade da internet e nem das bibliotecas digitais.

Mas, hoje, estou aqui, muito honrada com o convite para participar desta bela comemoração dos 50 anos da Biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho da Terceira Região, para relatar meu envolvimento com o dia a dia desta Biblioteca.

Desde que tomei posse no TRT-MG, em 1997, longos 28 anos, trabalho na Seção de Revista, fazendo a correção dos textos enviados para a nossa revista, bem como sua formatação e diagramação. Inicialmente conferíamos todas as citações que eram inseridas nos artigos doutrinários, através de pesquisas presenciais no rico acervo da Biblioteca e/ou através do site. Contávamos com o apoio de todos os servidores da biblioteca, bem como das coordenadoras Ana Maria de Araújo, hoje aposentada, e Márcia Lúcia Neves Pimenta, sempre muito atuante, ativa e determinante para o sucesso da biblioteca.

Hoje, também, temos uma grande parceria entre nossas seções - Biblioteca e Revista. Como nossas edições normalmente são temáticas, a Biblioteca participa com suas pesquisas de referências ao tema, o que engrandece a nossa obra e estimula a pesquisa dos nossos leitores.

Relevante destacar a importância das bibliotecas em geral, onde pessoas de diferentes classes sociais podem ter acesso ao estudo, conhecimento e desenvolvimento cultural. E com a chegada do suporte digital a vários conteúdos, o acesso à informação tem sido grandemente democratizado.

Hoje, só tenho elogios e palavras de agradecimento à nossa Biblioteca, um espaço que nos oferece os livros como instrumentos para viajarmos na nossa imaginação, ou, nas palavras de *Jhumpa Lahiri*: “*É para isso que servem os livros. Para viajar sem sair do lugar*”.

O fato é que temos assistido na nossa Biblioteca, sob a condução eficientíssima da colega Márcia, a uma evolução constante rumo à facilitação da busca do conhecimento, do incentivo à pesquisa e de promoção de eventos marcadamente histórico-culturais.

O momento é mesmo de comemorarmos e de nos aliarmos no mesmo diapasão da busca de conhecimento. Nesse sentido, os livros e recursos que a biblioteca nos oferece, mesmo que não tragam de imediato as respostas às nossas inquietações, que não representem de pronto o que buscamos, sinalizam para cada um de nós a possibilidade de realização de um futuro mais digno. Ou seja, nos apontam no sentido de que vale a pena sonhar. Ou nas palavras do Poeta Olavo Bilac: “*Os livros não matam a fome, não suprimem a miséria, não acabam com as desigualdades e com as injustiças do mundo, mas consolam as almas, e fazem-nas sonhar*”.

Por fim, reafirmo o orgulho que sinto em desenvolver um trabalho na Seção de Revista cuja interlocução com a Biblioteca nos enriquece mutuamente e nos traz uma luz no fim do túnel, sempre na busca da construção de dias melhores, alicerçados no conhecimento há muito produzido e nesse processo contínuo de produção de saber, solidariamente compartilhado.

Juntos podemos mais.

PATRÍCIA ROCHA NOBRE
(Servidora aposentada/TRT3-MG)

Nasci e sempre morei em BH. Tive o privilégio de estudar dos 4 até os 13 anos numa escola excelente, moderna, com ambiente estimulador para artes e literatura. Era o Instituto Alcinda Fernandes, no Sion.

A partir dos 10 anos, tínhamos a tarefa de ler 1 livro por mês, indicado pela professora e fazíamos uma prova sobre ele. Assim, fomos conhecendo os clássicos da literatura brasileira como “A Moreninha”, “Éramos seis”, “O Guarani”, “Helena”, “A escrava Isaura”, “O Alienista”, “Iracema”, “O Cortiço”, “Dom Casmurro” etc. Mas foram muitas obras que me encantaram e despertaram em mim o gosto e prazer pela leitura.

Assim, no (curto) tempo onde tive a oportunidade de trabalhar na Biblioteca do TRT, além de aprender um pouco sobre catalogação e registros bibliográficos, pude rever muitas obras, ter contato com pessoas que buscam o ambiente de uma biblioteca para estudo e pesquisa, além de conhecer os colegas que lá trabalhavam e que acrescentaram muito na minha vida! Sou só grato pela Biblioteca!



Gestantes e lactantes em privação de liberdade recebem
livros do TRT-MG
Palestra do Dr. Antônio Carlos Rodrigues Filho (Vice-Corregedor) -
Ano 2024
Fonte: Secom/TRT3

PRISCILA LA GATTA CARMINATE

(Servidora/TRT3-MG)

Ocupo o cargo de Analista Judiciário - Área Judiciária do TRT da 3ª Região - desde dezembro de 2011. Cataguasense, mestre em Música pela UFSJ, bacharel em Música pela UFJF e bacharel em Direito pela UFJF. Artista com alma de professora. Iniciei a Licenciatura em Letras na UFSJ em março de 2025. Lancei três singles nas plataformas musicais, como Spotify, em 2024. Sou uma sonhadora pública.

Ler é uma das minhas maiores alegrias desde a infância. Um dos livros da série “Conte outra vez” faz parte da memória dos meus 3 anos de idade, com ilustrações e uma fita cassete com as histórias narradas. Eu já estava na escola e adorava estudar, era curiosa e participativa. Dos 11 aos 14 anos, tomei muitos livros emprestados da biblioteca da escola, e as obras de suspense de Agatha Christie superaram os clássicos da literatura brasileira nesse período. No Ensino Médio, a literatura nacional ganhou mais espaço, e, dessa época, me lembro do impacto que “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, me causou, com sua ironia agriçosa e perspicaz que ressoou em mim imediatamente. A poesia de Carlos Drummond de Andrade também me falava diretamente. Considerei cursar Letras quando jovem, assim como Música.

As leituras próprias do curso de Direito consumiram o tempo que eu dedicava cada vez menos à literatura. Sinal provável de que com o Direito eu me afastava das minhas reais alegrias. Ainda assim, meu hábito de leitura estruturou minha habilidade para analisar processos e escrever, escrever, escrever. Foi o que mais fiz no Tribunal até hoje.

Nos últimos seis anos tenho retornado gradativamente à leitura por curiosidade e alegria. E trabalhar com a leitura se tornou um desejo. Através da leitura, abri espaços mentais para a imaginação do mundo, para caminhar do fatalismo à transformação,

como nos escreveu Paulo Freire em “Pedagogia da Autonomia”. Com as palavras, alicerçar autonomias, a minha e a de outras pessoas.

Como também escreveu Paulo Freire, antes da leitura da palavra vem a leitura do mundo. E ler o mundo tem sido cada vez mais um turbilhão de encontros e desencontros. Nos comunicarmos uns com os outros, uma tarefa misteriosa, mágica e por vezes arriscada. Ler o mundo e a palavra e “ser mais”, encontrarmos-nos em nossa humanidade, é um sonho meu para o qual bibliotecas parecem um lugar perfeito.

Em 2024, tive a alegria de oferecer uma breve palestra com o título “Bibliotecas mudam o mundo”, em um evento organizado pela Biblioteca do TRT da 3ª Região, cujo público era de profissionais da educação, especializados em bibliotecas escolares. Há um livro com esse título, no qual me baseei para trazer exemplos de bibliotecas que são muito mais que um acervo de documentos, configurando espaços de sociabilidade e saúde coletiva. O convite para essa palestra foi fruto da convivência com a chefe da Biblioteca, Márcia, de quem me aproximei no período em que fui chefe do coLABore, o Laboratório de Inovação e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável do TRT da 3ª Região. Márcia tem o desejo de inovar na Biblioteca e eu, o desejo de inovar em qualquer parte. Quixotescas, abrimos caminhos e mudamos de rota em busca de amplitudes, como a água. Não sem fortes correntezas.

Bibliotecas mudam o mundo. Bibliotecas podem guardar os mundos que quisermos e pudermos criar. Bibliotecas são vastas como o mundo e mesmo assim cabem no coração.

RUBENS GOYATÁ CAMPANTE

(Servidor/TRT3-MG)

Sou Rubens Goyatá Campante, nascido em 28/02/1965. Graduado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1990. Mestre em Ciências Políticas pela UFMG, em 2001, e Doutor em Sociologia pela mesma universidade, em 2009. Ingressei-me, em 1994, no Tribunal Regional do Trabalho da Terceira Região como Técnico Judiciário. Publiquei dezenas de artigos, tanto em veículos de comunicação de massa quanto em publicações acadêmicas. Autor dos livros: a) Acesso à Justiça: mapeamento físico, institucional e socioeconômico das varas e litígios trabalhistas em Minas Gerais; b) Litigância habitual e política pública de regulação trabalhista (em coautoria com Vicente de Paula Maciel Júnior); c) Patrimonialismo no Brasil: corrupção e desigualdade. Pesquisador do Centro de Estudos Republicanos Brasileiros (CERBRAS) e do Núcleo de Estudos do Trabalho Humano (NESTH), ambos da UFMG.

Nasci em Paracatu, Minas Gerais, onde morei até os três anos de idade, quando mudei-me, com a família, para São João Del Rei, e depois, aos seis anos de idade, para Belo Horizonte, onde resido desde então.

Minha mãe tinha o hábito da leitura, lendo sempre romances à noite, antes de dormir. Meu pai possuía livros, especialmente da área de Direito, na qual se graduou, mas sua grande preferência e hábito de leitura eram os jornais impressos e as revistas semanais, dos quais sempre foi, até o final da vida, assinante. Papel de jornal e de revistas era o que não faltava em nossa casa! E as discussões sobre a situação política e social do país eram uma constante entre meus pais, parentes e amigos - mesmo que levadas com certo cuidado, afinal estávamos sob uma ditadura, que censurava e perseguia os opositores. Filho caçula, temporão, criado sem irmãos da mesma idade, o hábito de me distrair sozinho

cultivou-se em mim. E a leitura, seja de livros infantis, ou das famosas “revistinhas em quadrinhos”, era uma dessas formas de distração.

Comecei tarde a frequentar a escola, somente aos 6 anos de idade, no último ano do que então se chamava “pré-primário”, mas não tive problemas em aprender a ler, pois o contato com as letras já fora feito... Mais tarde, ainda criança, os livros da Coleção Vagalume me fascinaram - Spharion, O Escaravelho do Diabo, O Caso da Borboleta Atíria, A Ilha Perdida, e tantos outros, que eu lia e relia. Os livros de Monteiro Lobato também me marcaram, especialmente História do Mundo para as Crianças, que me encantou.

Na pré-adolescência, se não me falha a memória, delicieime com as revistas de Asterix, não somente eu, mas meus irmãos mais velhos. A curiosidade de conhecer sobre o Brasil e o mundo sempre me marcou. Logo, desde a pré-adolescência, comecei a saciar tal curiosidade lendo não somente livros de literatura, mas de história, política, sociologia, cultura e tudo o mais que me “caísse nas mãos”.

Próximo de onde eu morava havia uma famosa livraria de Belo Horizonte, a Agência Status, onde eu ia praticamente todos os dias, e ficava horas a ler e a folhear as revistas, inclusive estrangeiras (mesmo que não compreendesse muito línguas como o alemão, o francês ou o italiano).

Também costumava frequentar a Biblioteca Pública Estadual, na Praça da Liberdade (até pouco tempo atrás tinha a carteirinha de leitor) e a Biblioteca do ICBEU (Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos), na rua da Bahia, mesmo que nunca tenha estudado inglês no Instituto. Uma outra lembrança marcante a respeito de livros que tenho é a da Biblioteca da casa de meu tio, Dr. Célio Goyatá, advogado e professor de Direito do Trabalho, em sua casa no bairro Floresta. A biblioteca dele, com livros de alto a baixo, ocupava todo um enorme cômodo, que dava para um belo pátio interno da casa, com um bem cuidado jardim. Eu ficava simplesmente maravilhado quando ia à casa dele, com minha mãe.

Na minha vida acadêmica, toda centrada na área de ciências humanas, os livros cumpriram papel crucial. Devo quase tudo que sei e aprendi a eles. Tenho algumas centenas de livros, que consegui adquirir ao longo de minha vida e possuo um carinho e - admito - um certo ciúme em relação a eles. Também em minha carreira no TRT3 os livros foram cruciais, especialmente no tempo em que passei trabalhando na Biblioteca do TRT3. Foi uma ótima experiência. Lembro-me que, na comemoração dos 25 anos da Biblioteca, no ano 2000, eu era servidor da mesma, e dei, como todos os outros servidores, minha contribuição nas atividades de comemoração da data. É muito bom poder participar, 25 anos depois, de nova data festiva, de meio século da Biblioteca do TRT3. Quem sabe não consigo participar, também, das comemorações dos 75 anos??!! Também em minha experiência como servidor da Escola Judicial, particularmente no Núcleo de Pesquisa, os livros tiveram papel seminal, imprescindível. Então, vida longa a todas as bibliotecas!! Mesmo num mundo dominado pelo digital, pela superficialidade, pela rapidez, pela dificuldade cada vez maior das pessoas concentrarem sua atenção, os livros, e esse espaço precioso deles, as bibliotecas, resistem. E devem resistir, pois a leitura é uma das melhores maneiras da mente humana se aprimorar e se libertar. Por isso os que querem embrutecer e dominar as pessoas, para melhor explorá-las, desprezam e odeiam os livros e as bibliotecas.

E vida longa, também, à nossa querida Biblioteca do TRT3!! Nosso tribunal precisa dela. Nossa cidade, tão carente, cada vez mais, de espaços de cultura e de leitura, também. E confesso: eu também preciso. Ela é uma parte da minha vida - ontem, como servidor, e depois, e até hoje, e espero que por muitos anos ainda, como usuário, leitor e apoiador.

Afinal, como dizia Jorge Luis Borges, **“sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de Biblioteca”**.

Parabéns pelos 50 anos, querida Biblioteca do TRT-3ª Região.



1ª edição do Concurso de Monografia da Biblioteca do TRT 3 - Escola Judicial - Ano 2017
Fonte: Secom/TRT3

SÉRGIO AURÉLIO DE SOUZA

(Servidor aposentado/TRT3-MG)

Nasci em Belo Horizonte em 13/05/1957, 10º filho dentre doze irmãos. Entrei na escola aos sete anos, por isso brinquei um pouco mais. A experiência escolar foi difícil e (só melhorou no ensino superior. A mais dolorosa foi entre os doze e quinze anos no Senai, para aprender uma profissão). Mas foi justo ali no Senai, onde eu me refugiava na biblioteca, bem ali que deparei com Dostoiévski e o difícil relato no livro “Recordações da casa dos mortos”.

Os livros em casa eram raros. Mesmo na escola elementar, só me lembro da compilação “As mais belas histórias”. Comecei mesmo foi pelos gibis, O Fantasma, Mandrake, os da Disney etc. Depois apareceram lá em casa os livrinhos de faroeste. Quanto às bibliotecas, as escolares eram bastante limitadas, quando haviam. Quando estudei por um ano e meio no Cefet-MG é que fui conhecer uma excelente biblioteca, para onde fugia das disciplinas exatas e a bibliotecária me aconselhou a estudar Letras, conselho prontamente atendido e passei a frequentar mais as livrarias, especialmente sebos (grana curta).

Minha experiência na Biblioteca do TRT foi um acaso. Após cumprir sete anos nas Varas do Trabalho, eu soube que seria inaugurada na Escola Judicial uma biblioteca e assim me iniciei na difícil arte de organizar livros nas estantes. Só então fui perceber o porquê de sempre ser solicitado, nas bibliotecas que eu frequentava, a não devolver o livro à estante pois dificilmente acertaria. No dia a dia da Biblioteca da EJ, um fato marcante foi o de uma servidora aposentada que viajava bastante à Itália e contava pormenores de viagem como se escrevesse um livro!

Penso que mesmo hoje, quando estamos imersos na era digital, as bibliotecas podem fazer a diferença. E que seja a escola fundamental a impulsionar os estudantes, agora que o uso de aparelhos celulares está restrito no ambiente escolar.



“Projeto Sexta Literária” da Biblioteca do TRT-MG - Ano 2016
Fonte: Secom/TRT3

TÚLIO MANOEL LELES DE SIQUEIRA

(Servidor/TRT3-MG)

Sou filho de Moacyr Luiz de Siqueira e Maria de Lourdes Dias Luiz. Ele, Ferroviário corintiano, Ela Professora diamantinense. Tenho 07 irmãos: Robson, Davidson, Livingstone, Moacyr Júnior, Vânia, Valquiria e Ana Cristina. Sou natural de Corinto-MG, onde estudei o primário no Grupo Escolar Estadual Antônio Vieira Machado e me formei no Ensino Médio na escola particular Instituto Dom Serafim, dirigido pelas Irmãs Clarissas Franciscanas. Conclui o ensino médio nos cursos de Magistério e Auxiliar de Análises Químicas. Fiz a Graduação em Direito pela PUC-MG em 1987 e o curso de Licenciatura em História em 2015 pela Universidade Salgado de Oliveira de Niterói-RJ, Polo BH. Trabalhei na cidade de Três Marias-MG, como Advogado do Sindicato dos Trabalhadores da Mineira de Metais, Procurador Municipal concursado e lecionei a disciplina “Direito e Legislação” no curso de Técnico em Administração na EE Ermírio de Moraes de Três Marias. Em 1993, fui nomeado como Analista Judiciário do TRT3 para trabalhar na Vara do Trabalho de Pirapora-MG e em 1998 vim removido para BH e trabalhei nos seguintes setores: Diretoria da Coordenação Administrativa (DSCA), 3ª e 13ª VT de BH, Centro de Memória, Secretaria de Documentação (Sedoc) e estou há 02 anos trabalhando na Biblioteca, seção vinculada à Secretaria da Escola Judicial. Atualmente sou sócio-correspondente da Academia de Letras de Corinto-MG, do que muito me orgulho.

Em virtude da minha mãe ter sido professora, tive uma educação bem cultural e próxima dos livros. Lembro da minha mãe lendo a coleção “Seleções da Readers Digest” e a Revista “O Cruzeiro”, sendo que o meu pai tinha o hábito de ler o Jornal Estado de Minas impresso diariamente.

Na minha vida escolar sempre gostei de Português, principalmente de Literatura (tive a professora Norma Nascimento,

que me estimulou muito para a literatura brasileira) e de História (professora Ivone Marques). No Ensino Médio gostava de fazer as “fichas de leitura”, na qual líamos os livros indicados pela professora Nira Barbosa, e fazíamos o roteiro do livro com o resumo, nomeando os personagens com suas características, inclusive eu era monitor que recolhia as fichas de leitura dos colegas para entregá-la. Escrevia poesias e participei de alguns livros de antologias poéticas. Na faculdade escrevia artigos jurídicos e poesias para o jornal do Diretório Central Acadêmico de Estudantes (DCE) da PUC-MG. Li na minha infância e ainda já adulto muitas revistinhas como Turma da Mônica, Cebolinha, Tio Patinhas, Pato Donald e Sobrinhos, os Irmãos Metralha e outras. Sempre gostei de ler histórias infantis de reis/rainhas, principalmente das Coleção das Mil e Uma Noites e Ali Babá (história da vovozinha).

Fui para a escola com 06 anos de idade, período que aprendi a ler. Antigamente brincávamos muito e começávamos a estudar mais tarde. Nesses períodos da infância jogávamos futebol, brincávamos de “rouba bandeira”, bola de gude e de meia, amarelinha, etc. Isso era muito comum, principalmente em cidades do interior de Minas Gerais.

Convivi com professores que contavam histórias e despertavam a nossa curiosidade, principalmente no ensino médio. Tive uma professora de História de nome Ivone Marques, que, dando suas aulas, nos fazia viajar na imaginação mundo afora, tal era a sua dedicação e forma peculiar de apresentar a sua Disciplina.

Na minha escola havia bibliotecas, assim como na faculdade (PUC-MG) do Coração Eucarístico tínhamos uma Biblioteca que era referência em organização, espaço e quantidade de livros para empréstimo ou consultas de alunos.

Li na adolescência bastantes romances. Lembro-me de Machado de Assis (Helena, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro), José de Alencar (Iracema, Senhora, O Guarani), Joaquim Manoel de Macedo (A Moreninha), Bernardo Guimarães (Escrava Isaura) Jorge Amado (Capitães de Areia, Gabriela: Cravo e Canela, Tieta do Agreste, Terras do Sem Fim), Lima Barreto (Clara

dos Anjos, Recordações do Escrivão Isaías Caminha), Aluísio de Azevedo (O Cortiço), entre outros. Os livros que mais me marcaram foram: O Meu Pé de Laranja Lima (José Mauro de Vasconcelos), Éramos Seis (Maria José Dupré), Ciranda de Pedra (Lygia Fagundes Telles), O Menino do Dedo Verde (Maurice Druon) e O Encontro Marcado (Fernando Sabino).

Sempre frequentei livrarias, aqui em BH, principalmente a Livraria Leitura e a Livraria Travessa. Gosto de ler romances biográficos e atualmente gosto muito de ler romances modernos de autores africanos.

Minha vida profissional sempre teve uma grande influência da leitura, seja sendo aluno ou professor. A pessoa que lê tem seu universo ampliado e viaja por lugares inimagináveis e acaba adquirindo um vocabulário mais amplo. Atualmente por estar lotado na Biblioteca do TRT3, estou me sentindo realizado. O serviço na biblioteca é grande, apesar do que pensam alguns que aqui temos “moleza”, porém dá prazer pois é um trabalho diversificado e diferenciado.

A cidade de Belo Horizonte, apesar de não ser a minha cidade natal, tenho por ela uma grande afinidade e um carinho imenso, sendo que gosto de morar aqui! BH, como chamamos, é uma cidade muito cultural com muitas bibliotecas públicas, museus, teatros, exposições diversas, portanto acho que aqui é uma cidade de muita cultura e de pessoas interessadas em preservar o patrimônio histórico, arquitetônico e cultural, o que diverge de algumas outras capitais do país.

Por fim, desde que eu entrei no TRT3, a Biblioteca sempre esteve nos meus desejos de aqui trabalhar, pois venho de uma família de profissionais da educação (leccionei e tinha minha mãe e duas irmãs professoras), o que tem tudo a ver com biblioteca, apesar de eu não ter formação em Biblioteconomia. Sempre que me lembro da Biblioteca do TRT3 vem à minha memória o bom atendimento prestado pelo servidor aposentado da biblioteca Mauro Lúcio Alves da Silva, que com sua disponibilidade, atenção e delicadeza em atender os usuários, cativava a muitos e estimulava a leitura.

Não posso deixar de falar dos colegas queridos, que fazem nosso ambiente ser agradável e bom de trabalhar. E destaque para a Márcia Lúcia e Bruno, Bibliotecários do TRT3, competentes e inovadores. A Márcia Lúcia, coordenadora, é um patrimônio da Biblioteca do TRT3, pois é uma servidora antenada com as inovações, líder nata, muito dinâmica, bibliotecária brilhante e muito humana.



Lançamento do Livro Didático Nacional
 “Passaporte: Línguas e suas Tecnologias”, publicado pela
 Editora Edebê-Brasília/DF,
 constando artigo sobre Trabalho Escravo do servidor Túlio
 Siqueira da Biblioteca/EJ do TRT3” - Ano 2024
 Fonte: Sitraemg

WELLINGTON RODRIGUES DA SILVA

(Funcionário do Sistema de Automação de Biblioteca - SIABI)

Possuo uma sólida formação acadêmica, com graduação em Ciências Náuticas pela EFOMM, bacharelado em Ciência da Computação e título de Mestre na Gestão da Informação e do Conhecimento pela UFRN. Como fundador e CEO da WJ Informática, empresa criada em sociedade com Janeide Dantas, liderei o desenvolvimento do SIABI, um sistema de Automação de Bibliotecas e Memoriais que tem revolucionado a forma como as instituições culturais gerenciam seus acervos em todo o território nacional.

Nascido no Rio Grande do Norte, cresci em um lar onde os livros e a temática da educação sempre estiveram presentes. Minha saudosa mãe, Francisca Moura, era professora, três de meus irmãos também seguiram essa encantadora profissão, enquanto uma irmã se dedicou à Contabilidade. Já o meu querido pai, José Rodrigues, era um leitor voraz e costumava recitar de memória, com muito entusiasmo, trechos de poesias e poemas, como a “Canção do Tamoio”, de Gonçalves Dias, e a “Balada da Neve”, do português Augusto Gil. Ele apreciava particularmente o poema Mal Secreto, uma das obras mais aclamadas do renomado poeta maranhense Raimundo Correia.

*“... Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!”*

Nesta obra, o poeta nos convida a uma profunda reflexão sobre a dualidade inerente ao ser humano: a face que exibimos ao mundo exterior e a complexa gama de sentimentos que mantemos ocultos. A máscara, magistralmente descrita pelo poeta há mais de

um século, no longínquo ano de 1883, ecoa com impressionante atualidade, encontrando ressonância na cultura contemporânea das redes sociais. Em um universo dominado pelas aparências, a obra revela a crescente disparidade entre a felicidade superficialmente projetada e a realidade interior. Meu pai, dotado de um senso crítico apurado e um olhar perspicaz sobre a natureza humana, buscava compartilhar sua sabedoria com os filhos, transmitindo ensinamentos valiosos que nos auxiliavam a desvendar os meandros da alma humana.

Na adolescência, tive a sorte de ser admitido no curso de Edificações na ETRN, escola técnica que deu origem ao atual Instituto Federal (IFRN). Com uma excelente biblioteca, o incentivo à leitura era uma constante no ambiente escolar. Na literatura nacional, era obrigatório conhecer toda a trama de Capitães da Areia, de Jorge Amado, O Cortiço, romance naturalista de Aluísio Azevedo e, claro, o clássico dos clássicos, Memórias Póstumas de Brás Cubas, escrito pelo genial Machado de Assis, que definitivamente rompeu com a narração linear e objetivista de autores proeminentes da época.

Nos encontros com os amigos, era impensável não ter lido clássicos como O Dia do Chacal, de Frederick Forsyth, Papillon, de Henri Charrière, ou Os Sobreviventes dos Andes, de Piers Paul Read. Quem não estivesse familiarizado com essas obras simplesmente não participava das conversas. É como se, nos dias de hoje, um jovem não soubesse o enredo de séries como La Casa de Papel, Peaky Blinders ou Round 6. A literatura, assim como as séries, marca gerações e serve como ponto de referência para diálogos e debates.

Aos dezoito anos, embarquei em uma nova jornada: mudei-me para Belém do Pará e ingressei na Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM), onde concluí Ciências Náuticas. Como piloto, tive a oportunidade de conhecer outros países e diferentes culturas. Os navios de longo curso geralmente possuem pequenos acervos a bordo e, por um bom tempo, fiquei responsável pela preservação dessas minibibliotecas flutuantes.

A cada escala, buscava em livrarias novos títulos para enriquecer nossa coleção, transformando os longos dias no mar em momentos de imersão em diferentes universos literários.

Desse período, guardo a lembrança da vida da leitura de *Os Trabalhadores do Mar*, um dos melhores livros que já li. A saga de Gilliat, com sua determinação em construir um barco desafiando as forças da natureza, inspirou-me a buscar meus próprios objetivos. A obra de Victor Hugo, traduzida magistralmente por Machado de Assis, ampliou meus horizontes e proporcionou-me uma nova perspectiva sobre a vida.

Outro título que me impactou nessa época foi *A Caçada ao Outubro Vermelho*, de Tom Clancy. A trama envolvente, com espionagem, submarinos e a tensão da Guerra Fria, prendeu-me do início ao fim. Acompanhar a jornada do Capitão Marko Ramius, interpretado brilhantemente por Sean Connery na adaptação para o cinema, foi uma experiência inesquecível. Esse livro fez-me refletir sobre as complexidades da geopolítica e a importância da inteligência na Guerra Fria.

A vivência no mar proporcionou-me uma visão de mundo única, mas, como diria o grande poeta Guimarães Júnior:

*“Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quis também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.”*

E atendendo ao chamado da Academia, abandonei a vida no mar e voltei a Natal para cursar Ciências da Computação na UFRN. A leitura, antes focada em clássicos da literatura, agora se voltou para manuais técnicos e artigos científicos, abrindo um novo universo de possibilidades.

Após a graduação, fui admitido no Serviço Público como Analista de Tecnologia da Informação da UFRN, sendo designado para a BCZM, a maior biblioteca do estado. Lá, deparei-me com um desafio iminente: o sistema de automação da biblioteca,

desenvolvido em Cobol 68, estava obsoleto e fadado a se tornar inoperante devido ao famoso Bug do Milênio. Diante desse cenário, criamos do zero o nosso próprio software, o SIABI, uma solução moderna, alinhada aos padrões internacionais de catalogação, como o Marc 21, projetado pela Biblioteca do Congresso Americano, e capaz de atender às necessidades complexas de grandes acervos.

Em pouco tempo, o SIABI evoluiu para um produto comercial de sucesso. Em parceria com minha esposa, Janeide Dantas, fundamos a WJ Informática para atender à crescente demanda por soluções eficientes para a gestão de bibliotecas. Em apenas cinco anos, o sistema conquistou o mercado potiguar, sendo adotado por grandes instituições como o Tribunal de Justiça, o Tribunal de Contas, a Escola de Governo, a Escola da Magistratura e a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). E qual não foi a minha surpresa e alegria ao ver o SIABI adotado por todas as bibliotecas do IFRN, minha antiga escola, com 23 unidades setoriais espalhadas pelo estado, conectadas a uma base única e centralizada!

Em 2005, percebemos que o potencial do SIABI transcendia as fronteiras do Rio Grande do Norte. A adoção do sistema pelo TRT da 7ª Região, no Ceará, foi o primeiro passo para a nossa expansão nacional, abrindo portas para a padronização do software em todas as 24 bibliotecas dos Tribunais Regionais do Trabalho.

Na esteira dessas mudanças, em 2008, a WJ Informática foi contratada para assumir a automação da biblioteca do TRT da 3ª Região. Que prazer chegar a Belo Horizonte para iniciar esse processo! A capital mineira é, indiscutivelmente, uma cidade que cultiva o hábito da leitura e oferece um ambiente propício para a cultura. Com uma rica história literária e uma programação cultural diversificada, a cidade se destaca como um verdadeiro paraíso para os amantes dos livros.

Nesse caso, a implementação do SIABI foi um trabalho conjunto que transcendeu a simples implantação de um software. A expertise dos bibliotecários do TRT da 3ª Região foi fundamental para moldar o sistema e adaptá-lo às necessidades específicas

da instituição. A participação ativa do cliente em todas as etapas do projeto, desde a análise dos requisitos até a fase de testes, foi crucial para o sucesso da iniciativa. Essa parceria estreitou os laços entre nossa equipe técnica e os bibliotecários, resultando em uma relação de respeito e amizade que perdura até hoje, com a recente migração do sistema para a Plataforma em Nuvem SIABI Cloud.

Ao longo de minha trajetória profissional, a paixão por livros e informação levou-me a criar um aplicativo de gestão de acervos. A oportunidade de contribuir de alguma forma para a automatização da Biblioteca do TRT da 3ª Região, foi um marco em minha carreira. Poder participar ativamente da construção de um espaço que fomenta a leitura e o conhecimento é extremamente gratificante.

Acredito que as bibliotecas continuam sendo espaços vitais para a sociedade, pois oferecem acesso à informação, promovem a cultura e estimulam o pensamento crítico.

A Biblioteca do TRT da 3ª Região desempenha um papel crucial nesse sentido, oferecendo um acervo rico e diversificado para atender às necessidades dos servidores e da comunidade jurídica.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6029: informação e documentação: livros e folhetos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006a.

FERNANDES, Cleide; FARIAS, Fabíola; CARVALHO, Maria da Conceição (orgs). História afetiva de leitores e bibliotecas em Belo Horizonte. Belo Horizonte, Ed. das Organizadoras, 2020.

"As bibliotecas são a memória do mundo."

(Fabrício José Nascimento)

Tendo como ponto de partida as palavras do autor acima, temos que o maior valor de uma biblioteca é o acesso democrático que ela proporciona ao conhecimento, pois as bibliotecas, além de espaços de disseminação do conhecimento, são também espaços de convivência e troca de ideias entre pessoas, tendo o livro como seu norte e sua direção.

Por fim, são as bibliotecas, por excelência, o local onde o conhecimento é expandido em pequenas gotas e que têm o poder de transbordar e transformar a memória afetiva, mais íntima, pessoal/familiar, em uma memória global.